ISABELA CATHARINO SILVA

A PRÁTICA DISCURSIVA DA EXCLUSÃO/INCLUSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS DE VICTOR HUGO E MARIA DA PAZ SABINO

SINOP

2021

ISABELA CATHARINO SILVA

A PRÁTICA DISCURSIVA DA EXCLUSÃO/INCLUSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS DE VICTOR HUGO E MARIA DA PAZ SABINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, Linha de Pesquisa Linguagem, História, Sociedade e Tecnologia, do Curso de Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Dra. Cristinne Leus Tomé

Coorientadora: Ma. Simone de Sousa Naedzold

SINOP

2021

ISABELA CATHARINO SILVA

A PRÁTICA DISCURSIVA DA EXCLUSÃO/INCLUSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS DE VICTOR HUGO E MARIA DA PAZ SABINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, Linha de Pesquisa Linguagem, História, Sociedade e Tecnologia, do Curso de Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção grau de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora
Dra. Cristinne Leus Tomé
UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

_____

Coorientadora
Ma. Simone de Sousa Naedzold
SEDUC-MT – Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso

_____

Avaliadora
Dra. Geiza Gimenes Saraiva
UNEMAT – *Campus* Universitário de Tangará da Serra

_____

Avaliadora
Ma. Débora Pereira Lucas Costa
UNIFASIPE – Sinop, MT

_____

Coordenador da Banca de TCC
Me. Joelinton Fernando de Freitas
UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

SINOP

30/11/2021

À família, mãe, irmãs e avós,
Aos amigos, que sempre me incentivaram,
mesmo nos dias mais difíceis,
A todos que de alguma forma me ajudaram a
acreditar que era possível.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse trajeto, tenho muito que agradecer:

Aos professores, coordenadores, colegas e todos que estiveram comigo me apoiando e acreditando em mim;

À UNEMAT, por me proporcionar essa grande conquista que é a graduação, em nome do Reitor Dr. Rodrigo Bruno Zanin, por manter o curso em funcionalidade, mesmo em meio às adversidades;

Em nome do Coordenador do Curso de Letras Dr. Roberto Alves de Arruda, agradeço a todos os professores pelos ensinamentos ao longo desses anos e aos colegas de turma que estiveram comigo nesta caminhada;

Aos técnicos da Secretaria, Biblioteca que tornaram possível a graduação;

Em especial, meus agradecimentos à banca, Drª Geiza Gimenes Saraiva, Mª Débora Pereira Lucas Costa, por aceitarem avaliar esta pesquisa;

À orientadora Drª Cristinne Leus Tomé, tão atenciosa e de uma inteligência tão inspiradora, obrigada por todos os momentos;

À coorientadora Mª Simone de Sousa Naedzold, por nossas leituras e estudos que iluminaram meus olhos e me encheram de novos conhecimentos;

Minhas estimas.

Era mau porque era selvagem,
era selvagem porque era feio.
Mas não nasceu malvado.
Desde muito cedo sentira,
por parte dos homens,
o escárnio, o espezinhamento
e a rejeição.

O corcunda de Notre-Dame
Victor Hugo

Provaram que as discriminações
contaminam a humanidade
e podem ser desfeitas, porque
as diferenças são apenas detalhes
e há uma marca que une os seres,
o respeito mútuo.

O mundo fantástico da Formiga Zaroia
Maria da Paz Sabino

SILVA, Isabela Catharino. **A prática discursiva da exclusão/inclusão em obras literárias de Victor Hugo e Maria da Paz Sabino**. Orientadora: Cristinne Leus Tomé; Coorientadora Simone de Sousa Naedzold. 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras com habilitação Português/Inglês) – Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre o tema da exclusão/inclusão como prática discursiva sobre os personagens Quasímodo, de O corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo, da Formiga Zaroia, de O mundo fantástico da Formiga Zaroia e Juquinha, de Juquinha, o menino que ensinava a amar, de Maria da Paz Sabino. Tem por objetivo geral: compreender quais as condições de produção que viabilizam a exclusão e a inclusão social nos livros. E como objetivos específicos: identificar quais as condições de produção e posição sujeito viabilizam a exclusão/inclusão nas obras; entender como a Deficiência Física é vista no mundo, principalmente, no Brasil; analisar como se dá a exclusão/inclusão de acordo com os fundamentos da Análise de Discurso, nos livros. Por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso trazidos por autores como Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Denise Maldidier e outros, pensando as condições de produção e a posição sujeito deficiente procura-se mostrar como a deficiência é vista literária e cientificamente no século XV e como dois livros do século XXI tratam a temática. A partir do *corpus*, fez-se uma análise da prática discursiva presente nas obras sobre a inclusão/exclusão que envolvem os personagens: Quasímodo, Esmeralda, Frollo, Formiga Zaroia e Juquinha e conclui-se que já no século XV a exclusão de pessoas com deficiência é mostrada nas obras literárias e só muito recente houve a necessidade de discutir, analisar a prática de inclusão dos deficientes por meio de medidas de acessibilidade nas instituições de educação, nas ruas, nas praças, nos espaços de lazer. Ou seja, o direito da pessoa deficiente não é diferente do das pessoas sem deficiência e são necessárias medidas para que todos possam viver em harmonia dentro de suas limitações.

Palavras-chave: Letras. Linguística. Análise de Discurso. Deficiência. Inclusão. Exclusão.

SILVA, Isabela Catharino. **The discursive practice of exclusion/inclusion in literary works by Victor Hugo and Maria da Paz Sabino.** Advisor: Cristinne Leus Tomé; Co-advisor Simone de Sousa Naedzold. 2021. 56 f. Completion of course work. (Graduation in Languages with Portuguese/English qualification) – Faculty of Education and Language, State University of Mato Grosso, 2021.

ABSTRACT

This research deals the theme of exclusion/inclusion as a discursive practice about the characters Quasímodo, from O humpback of Notre Dame, by Victor Hugo, from Formiga Zaroia, from The fantastic world of Formiga Zaroia and Juquinha, from Juquinha, o Menino that taught to love, by Maria da Paz Sabino. Its general objective is: to understand the production conditions that make social exclusion and inclusion in books viable. And as specific objectives: to identify which production conditions and subject position make the exclusion/inclusion in the works viable; understand how Physical Disability is seen in the world, especially in Brazil; analyze how the exclusion/inclusion takes place according to the fundamentals of Discourse Analysis, in books. Through the theoretical assumptions of Discourse Analysis brought by authors such as Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Denise Maldidier and others, considering the conditions of production and the disabled subject position, we seek to show how disability is seen both literary and scientifically in the 15th century and how 21st century two books deal with the theme. From the corpus, an analysis was made of the discursive practice present in the works on inclusion/exclusion involving the characters: Quasímodo, Esmeralda, Frollo, Formiga Zaroia and Juquinha and it is concluded that already in the 15th century the exclusion of people with disability is shown in literary works and it was only very recent that there was a need to discuss and analyze the practice of inclusion of the disabled through accessibility measures in educational institutions, on the streets, in squares, in leisure spaces. In other words, the rights of people with disabilities are no different from those of people without disabilities, and measures are needed so that everyone can live in harmony within their limitations.

Palavras-chave: Languages. Linguistics. Discourse Analysis. Deficiency. Inclusion. Exclusion.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Charles Laughton como Quasímodo, 1939.....44
Imagem 2 - Quasímodo.....44
Imagem 3 - Formiga Zaroia na mata.....46
Imagem 4 - Formiga Zaroia na rede.....46
Imagem 5 - Juquinha com os animais 47
Imagem 6 - Juquinha com família e amigos.....47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 DOS FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DE DISCURSO 13

2.1 Breve histórico da Análise de Discurso 13

2.1.1 Da Análise de Discurso na França 14

2.1.2 Da Análise de Discurso no Brasil 15

2.2 Da constituição e dos fundamentos da Análise de Discurso 16

2.2.1 Das condições de produção em Análise de Discurso 18

2.2.2 Da posição sujeito em Análise de Discurso 19

3 DOS FUNDAMENTOS DA DEFICIÊNCIA FÍSICA 21

3.1 Breve histórico da deficiência física no mundo 21

3.2 A deficiência física e os marcos legais 23

3.3 A exclusão social pela deficiência física 25

4 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS E PERSONAGENS DE VICTOR HUGO E MARIA DA PAZ SABINO 28

4.1 Vida, obras e contexto histórico de Victor Hugo 28

4.1.1 O Corcunda de Notre-Dame, de Victor Hugo 29

4.1.2 O Corcunda de Notre-Dame, a obra 30

4.1.3 O Corcunda de Notre-Dame, o personagem Quasímodo 31

4.1.4 O Corcunda de Notre-Dame, os personagens Esmeralda e Frollo 32

4.2 Vida, obras e contexto histórico de Maria da Paz Sabino 34

4.2.1 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, de Maria da Paz Sabino 35

4.2.2 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, a obra 36

4.2.3 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, a personagem Zaroia 37

4.3 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, de Maria da Paz Sabino 38

4.3.1 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, a obra 40

4.3.2 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, o personagem Juquinha 40

5 ANÁLISE DO DISCURSO INCLUSÃO/EXCLUSÃO 42

5.1 A inclusão/exclusão na sociedade 42

5.2 A exclusão pela deficiência em Quasímodo 44

5.3 A inclusão em Formiga Zaroia e Juquinha 46

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50

REFERÊNCIAS 51

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em um trabalho de conclusão de curso, cujo tema é a prática discursiva presente nos livros **O corcunda de Notre-Dame** (HUGO, 2018), **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** (SABINO, 2021b) e **Juquinha: o menino que ensinava a amar** (SABINO, 2021a). O intuito é compreender como ocorreu a exclusão/inclusão social na Paris do século XV e como ocorre no século XXI em Sinop/MT. Com isso, analisaremos quais as condições de produção que tornam a exclusão/inclusão possível. Quiçá, a resposta nos ajude a verificar porque ainda existe a exclusão social, principalmente, quando se trata de pessoas com deficiência.

A importância de investigar essas obras, uma clássica e outras contemporâneas, infanto-juvenis, não está somente nos livros em si, mas por ser um reflexo das sociedades. Victor Hugo, nos mostra em seu personagem um pouco de como eram as visões seletivas da sociedade parisiense no século XV, embora o livro tenha sido lançado no século XIX, em 1831. Já Sabino, nos mostra um mundo o mais próximo possível do ideal, onde não existe a exclusão de pessoas com deficiência.

O *corpus* deste trabalho é composto por três obras que tratam acerca da deficiência de seus personagens, sem ter a deficiência como foco das histórias. O primeiro livro é **O corcunda de Notre-Dame** (2018), que conta a história de Quasímodo, um homem que, quando ainda era bebê, foi abandonado em um cesto, em frente à Catedral Nossa Senhora de Paris, ou Notre-Dame de Paris, pois tinha uma corcunda na coluna e deformidades na face. A palavra Quasímodo se origina do latim *quasi modo* que significa 'do mesmo modo' palavras usadas do início da missa. (QUASÍMODO[1], 2021). No contexto de O Corcunda de Notre-Dame, essa referência ao nome Quasímodo faz sentido, pois o personagem de Victor Hugo é corcunda e sempre vai ser, as pessoas o tratam de modo ou indiferente ou de forma excludente, e morreu como viveu, sem glória, sem amor, sem paz.

A segunda história é a do livro **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** (2021), que tem como personagem principal, a Zaroia, uma formiga que tem estrabismo, mas sua deficiência não lhe traz adversidades, aliás, ela é a chefe do formigueiro, e quem comanda todas as suas amigas não havendo diferenças devido sua condição física.

O terceiro livro é o **Juquinha: o menino que ensinava a amar** (2021), que fala sobre um menino que é cadeirante, no entanto, apesar de sua condição estar ilustrada no livro, sua

[1] QUASÍMODO. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Quasimodo. Acesso em: 20 nov. 2021.

deficiência não é citada em nenhum momento, mostrando que o que importa é o que vem de dentro, e o amor que ele transmite a todos que com ele convivem.

Para fazermos o paralelo entre as histórias e as análises, precisaremos investigar quais eram os costumes da época explorando e visitando a vida cotidiana do século XV e, também, quais costumes já mudaram ao longo desses séculos e quais ainda permanecem. Compreendendo esses pontos, poderemos analisar nas obras as condições de produção que permitiram, e ainda permitem, a exclusão social. Além disso, as marcas discursivas são importantes também, pois elas permitem a entrada analítica pela/na materialidade do discurso. Após avaliarmos esses pontos, faremos as discussões e os apontamentos através do que será identificado.

Segundo Silva (1987), para que seja possível esse entendimento, ter-se-á um capítulo acerca da exclusão social no mundo e no Brasil, com o intuito de compreender quais condições de produção permitem que esse tipo de exclusão se faça tão presente ainda nos dias de hoje, quando o mundo vive constantes discussões sobre diversos tipos de preconceito.

O objetivo é demonstrar o funcionamento das práticas discursivas da exclusão e da inclusão nos livros, também, se havia exclusão diferente das pessoas com deficiência de acordo com a classe social, de Quasímodo, em **O corcunda de Notre-Dame** e quais os impactos positivos que a inclusão da **Formiga Zaroia** e de **Juquinha** causam no leitor. Tais questões serão esmiuçadas nos próximos capítulos para obtermos as respostas necessárias sobre exclusão e inclusão social.

A presente pesquisa sobre a exclusão/inclusão social de pessoas com deficiência justifica-se, pois faz parte do cotidiano da autora da pesquisa, que possui um encurtamento no fêmur, deficiência femoral focal proximal bilateral, e vivenciou a exclusão na pele. Assim, pode perceber a exclusão social, como algo intrínseco à sociedade. O nome correto para essa exclusão é capacitismo, conforme Dias (2013), e por perdurar há tantos anos e ter sido representada em várias obras, se faz importante estudar sua prática.

As obras escolhidas para serem estudadas como *corpus* neste trabalho foram **O corcunda de Notre-Dame** (HUGO, 2018), devido à representação dessa exclusão, a de Paris do século XV, que mostra sua pior face. E as obras **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** (SABINO, 2021b) e **Juquinha: o menino que ensinava a amar** (SABINO, 2021a), que representam a deficiência de modo inclusivo e como parte integrante do cotidiano de toda a sociedade. Observa-se que somente compreendendo como se deu essa prática no século XV, poderemos entender, um pouco, senão muito, a exclusão social que ainda existe na sociedade do século XXI e deixá-la tal qual nas últimas obras citadas.

É importante estudar obras que abordam esse tema para que possamos compreender as condições de produção que fizeram essa exclusão social perdurar por seis séculos, assim como, não repetir atos que já não são tolerados. A exclusão social causa um desequilíbrio na sociedade, pois invalida a capacidade de pessoas com deficiência, quando, na verdade, são capazes de muitas coisas.

Quasímodo, o personagem principal de **O corcunda de Notre-Dame** (HUGO, 2018), é um homem terno, ingênuo e apaixonado, no entanto, por não ser validado como membro da sociedade, sendo excluído e rechaçado, passa a parecer grotesco. Com a análise da obra, poderemos compreender a prática discursiva da exclusão e entender como construíram uma imagem tão diferente do que ele era.

Enquanto as obras que possuem como personagens a **Formiga Zaroia**, cujo ilustrador é Marcio Cabalheiro e nela podemos observar que a personagem principal sempre aparece nas imagens com seu estrabismo, porém não há referência direta nas falas dos outros personagens sobre esta deficiência, somente o narrador afirma que "Zaroia, que ganhou este nome por conta do estrabismo [...]" (SABINO, 2021b, p. 08) e o **Juquinha** que teve as imagens ilustradas por Jone Tavares também carrega esta característica. Sabino (2021a, p. 04) somente infere que "Juquinha nasceu com uma limitação que o dificultava em fazer algumas coisas". Estes personagens mostram uma realidade que ainda não condiz com a vivenciada pela sociedade, mas é a retratação ideal da inclusão, quando vemos que a formiga lidera seu grupo e o menino interage com todos da sua turma sem distinções. Essa sociedade idealizada é um desejo do que se quer viver em um futuro muito próximo, onde as diferenças existem apenas para somar.

Deste modo, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: Como são produzidos ao longo do tempo discursos sobre exclusão? E para buscarmos uma resposta que possa evidenciar os dados, elencamos como Objetivo Geral: Compreender quais as condições de produção que viabilizam a exclusão e a inclusão social nos livros. E como Objetivos Específicos: Compreender a Análise de Discurso (AD) para identificar quais condições de produção e posição sujeito viabilizam a exclusão/inclusão nas obras; entender como a Deficiência Física é vista no mundo, principalmente, no Brasil; analisar como se dá a exclusão/inclusão de acordo com os fundamentos da AD, nos livros.

2 DOS FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

2.1 Breve histórico da Análise de Discurso

A Análise de Discurso (AD) é uma disciplina que tem como marco fundador a tese de doutorado de Michel Pêcheux (2014), em 1969, na França. Pêcheux foi um filósofo francês, que teve seus estudos impulsionados pela inquietude. Apesar de não pertencer à linguística por formação, pois era filósofo, viu no cenário das Ciências Sociais e Humanas da época, uma brecha no conceito de *Parole* (fala) de Ferdinand de Saussure (2012) e reformulou o conceito para o nível do discurso, noção que ainda não havia sido trabalhada.

Na maioria das vezes, estudar uma língua significava estudar textos, e, por textos, queremos dizer o texto escrito; com isso, o estudo se mesclava entre as práticas escolares e atividades de ordem gramatical, nas modalidades normativas ou descritivas. As indagações variantes tentavam compreender sobre o que o texto falava; quais eram as principais ideias presentes no texto; ao passo que surgiram indagações sobre o que o autor quis dizer com determinado texto. Neste sentido, os estudos ganharam um aprofundamento com a necessidade de compreender a ideologia contida ali (LEITE, 2010).

Essa conversação de Pêcheux com outras áreas o fez associar à sua teoria à linguística, ao marxismo e à psicanálise, estendendo os estudos do texto além da ótica linguística bruta, mas o vendo em relação a sua exterioridade. Ou seja, não interessam mais os fenômenos isolados, por exemplo, o linguístico, mas todo o mecanismo inerente ao discurso em meio ao contexto social em que se inscreve e se reproduz (NASCIMENTO, 2018). Com tais verificações, Pêcheux descreveu a diferença entre a função e o funcionamento da língua: “Eis a solução que propomos com respeito ao paradoxo enunciado: as diferentes disciplinas enumeradas reconhecem o fato teórico fundamental que marca o nascimento da ciência linguística” (PÊCHEUX, 2014a, p. 65).

O texto, falado ou escrito, passa, então, a ser estudado para além de sua função linguística, analisando, também, os aspectos sociais e históricos que estão na produção dos discursos. Passamos a compreender o valor produzido pelo discurso. “Além do mais, elas decifraram este acontecimento, não como um fechamento, que tornaria impossível certas questões, mas como o signo de uma possibilidade nova oferecida a elas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 65).

E o que significa esse valor, pensando no objeto discurso em relação com a língua? Significa ultrapassar os limites do estruturalismo ortodoxo para uma reflexão que, ao trazer a

questão da estrutura, coloca ao mesmo tempo a necessidade de pensar a noção de acontecimento. Ou seja, é pensar o funcionamento não apenas como um sistema, mas sua prática (ORLANDI, 2011).

É definido, então, três campos teóricos para articular tais regiões de conhecimento científicas: o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendendo a teoria das ideologias; a linguística como teoria tanto dos mecanismos sintáticos, como dos processos de enunciação; a teoria do discurso como parte determinante nos processos semânticos. No entanto, interveio nesse processo, uma quarta referência: a teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica (MALDIDIER, 2003).

Ao se movimentar nas diferentes áreas da língua, do sujeito e da história, o que vai interessar à Análise de Discurso é a maneira como os sentidos não se colocam de forma clara, ou mesmo são compreendidos a partir desses elementos, porque estão relacionados aos mecanismos da linguagem, ao funcionamento do texto e aos processos de significação (NASCIMENTO, 2018).

2.1.1 Da Análise de Discurso na França

Para compreendermos como se deu a criação da Análise de Discurso, em 1969, como já apresentado, precisamos entender como foram suas formulações até se estabelecer como a matéria que conhecemos nos dias atuais. “Para entender a gênese dessa disciplina é preciso compreender as condições que propiciaram a sua emergência” (MUSSALIM, 2001, p. 101). Com sua **Análise Automática do Discurso**, Michel Pêcheux, chocou, a sua maneira, ao lançar questões fundamentais sobre os textos, a leitura e o sentido (MALDIDIER, 2003).

Michel Pêcheux tinha como preocupação criar uma máquina que pudesse automatizar o discurso, ou seja, compreender exatamente o que se quer dizer, quando se diz algo. Como disseram seus amigos Paul Henry e Michel Plon, seria uma espécie de cavalo de Troia que causaria uma reviravolta nas ciências sociais (MALDIDIER, 2003). A Análise de Discurso surgiu em um momento de crise. Em maio de 1968, estudantes manifestavam-se nas universidades francesas de Nanterre e Sorbonne. Reivindicavam contra o rigoroso sistema educacional. Entre os intelectuais que reivindicavam naquele momento de grandes tensões, destacavam-se: Jacques Lacan, na psicanálise, Roland Barthes, Louis Althusser, Julia Kristeva, Claude Lévi-Strauss, na antropologia, Michel De Certeau, na historiografia, entre outros (MAZZOLA, 2009).

Mazzola (2009), ainda diz que essa época é marcada por uma superação dos paradigmas do estruturalismo francês que, segundo Henry (1997, p. 27), "fez da linguística a ciência-piloto; os estruturalistas tentaram definir seus métodos tendo como referência a linguística". Robin (1977), que avalia as mudanças ocasionadas no campo da linguagem, afirma que houve uma mudança, no final da década de 60, de uma "linguística da frase" para uma "linguística do discurso", pois, até ali, privilegiava-se, no estudo de uma língua, a *langue* saussuriana, isto é, o sistema, abstrato, coletivo, do qual era possível obter um produto lógico de descrição. A superação de tais paradigmas exigiu que os estudos linguísticos começassem a pensar em um diálogo com a *parole*, trazendo à cena o sujeito e os elementos sócio-históricos.

Mesmo tendo mais de cinquenta anos de seu surgimento, a Análise de Discurso ainda é uma matéria nova, pois não houve tempo de se consolidar como uma área do conhecimento, mas está sendo inserida aos poucos como uma disciplina de entremeio, que cresce timidamente, sobretudo na América Latina e, mais ainda, no Brasil. No entanto, de acordo com Ferreira (2003), após a morte de Pêcheux, em 1983, o grupo de pesquisa foi naturalmente se desfazendo, esvaziou-se tanto tais estudos, que nos dias atuais, já não se ouve falar de Michel Pêcheux na França. Suas obras, inquietudes e reflexões foram deixados de lado, até mesmo, pelos franceses que se diziam "analistas de discurso". Diferentemente da França, a disciplina vem ganhando cada vez mais estudiosos pelo Brasil, através de Eni Orlandi, desde a década de 1970, que foi quem trouxe esses estudos para cá (FERREIRA, 2003). No entanto, apontamos que Gregolin (2006) indica, em nota de rodapé, que havia um grupo de brasileiros, na década de 60, ligados a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que estudava a Análise de Discurso e que iniciou a divulgação das ideias de Althusser no Brasil. A autora (2006) cita o nome de Carlos Henrique de Escobar. Observamos que Maria Emília Amarante Torres Lima, da Universidade Federal de Minas Gerais, que escreveu a tese **A construção discursiva do povo brasileiro: os discursos de Iº de maio de Getúlio Vargas** em 1983 e que esta foi traduzida para o Brasil em 1990, foi a única orientanda de Pêcheux no Brasil. Tese esta embasada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso.

2.1.2 Da Análise de Discurso no Brasil

A Análise de Discurso de linha francesa chegou ao Brasil através de Eni Orlandi na década de 1970. No entanto, trazer essa disciplina para cá, não foi tarefa fácil, pois era necessário manter-se fiel aos estudos consolidados por lá, se fazendo presente, mas tornando

essa disciplina adequada, sem destoar e nem romper os fios que os prende a uma referência. Podemos trazer para a realidade discursiva local, de um modo lapidado (FERREIRA, 2003).

Para compreendermos melhor como funciona essa disciplina, Orlandi (2012) nos explica que a Análise de Discurso é uma matéria de entremeio, não por estar "no meio de", mas por ter um pouco de cada lado, são espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias. O sentido não é exato (ORLANDI, 2012). Em consequência, vale acrescentar: a análise de discurso não é uma ciência exata. É uma ciência da interpretação. Há diversos tipos de real, e o real com o qual trabalhamos é o real da interpretação. Que não se evidencia. Mostra-se. Topa-se com ele: o impossível de que não seja assim. A sociedade não é imóvel e a constituição social é formada de relações que derivam, em último caso, dos modos de individuação dos sujeitos pelo Estado, relações que são de natureza político-social, simbolizadas (ORLANDI, 2013).

Compreendido como se deu a disciplina, podemos perceber também, que diferentemente da França, onde acaba acontecendo uma constante redisciplinarização, uma reterritorialização da Análise de Discurso, usando expressões usadas por Courtine e Marandin (2016), no Brasil a Análise de Discurso não se esvaziou nem se descaracterizou como teoria materialista dos sentidos. É certo que não podemos seguir reproduzindo os antigos lugares-comuns do materialismo dialético e histórico, nem falar da ideologia usando somente a relação com a luta de classes. Isso não quer dizer que a ideologia tenha sumido ou que a contradição entre as classes não exista mais. Acontece que na sociedade moderna a realidade é mais intricada e as formas de predomínio ganharam novas cores e formatos (FERREIRA, 2003).

Ferreira (2003) ainda diz que a teoria, nesse viés, encontra-se sempre em risco, tendo seus limites redefinidos e reconfigurados, testados e discutidos pela atividade de seus estudiosos. Aí está, quem sabe, em parte, um dos motivos pelos quais a Análise de Discurso não se dissolveu no Brasil, como ocorreu na França. Aqui ela se mostra crescente, sem receio de adotar novas materialidades e sem se estagnar nas questões e diferenças que marcaram sua origem europeia. Até porque temos as nossas próprias que já nos mantêm muito ocupados. Diria que, no Brasil, estamos construindo a "aventura do discurso" a vozes diversas, como resultado de uma tarefa coletiva, que, por vezes, faz repercutir aqui e ali dissintonias, desconfortos, mas sem que isso chegue a nos fazer perder a direção.

2.2 Da constituição e dos fundamentos da Análise de Discurso

A Análise de Discurso tornou-se no Brasil, base de fundamentação teórica para muitas pesquisas. Pêcheux (2015, p. 214) ao referir-se aos estudos que estava fazendo afirma:

> Chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e que ao é visado através do discurso.

Assim para este pesquisador (2019, p. 39), um discurso se relaciona a outros discursos e é um "efeito de sentidos" entre os pontos A e B. Para Eni Orlandi (2015, p. 67), o discurso é "efeito de sentidos entre locutores". E o discurso, conforme esta autora (2015, p. 52), pode dar-se por repetição, considerando que não somos a origem no nosso dizer. E essas repetições se constituem de três formas:

> **a.** a repetição empírica (mnemônica) que é a do efeito papagaio, só repete;/**b.** a repetição formal (técnica) que é um outro modo de dizer o mesmo;/**c.** a repetição histórica, que é a que se desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido.

Para a análise dos personagens Quasímodo, Formiga Zaroia e Juquinha, daremos mais ênfase a esta terceira repetição: a repetição histórica.

Para diversos pesquisadores, estudar quais os fundamentos da disciplina que eles escolheram constitui um luxo inútil. A segurança da linguística nos parece uma legitimação suficiente. Para eles, a análise de discurso é apenas uma extensão da linguística, uma disciplina que viria ocupar o vazio deixado anteriormente pelo desinteresse dessas estruturas textuais. Quando tratamos da escola francesa de análise de discurso é impraticável fazer isto, estando as considerações teóricas tão intimamente associadas as investigações empíricas que, às vezes, chegam mesmo a derrubá-las (MAINGUENAU, 1990).

Em virtude da transdisciplinaridade, o trabalho de Michel Pêcheux, se origina de três áreas do conhecimento científico: a linguística de Ferdinand de Saussure, cujo objeto para os estudos foi a língua; o materialismo histórico de Louis Althusser, colocando em cena questões como a ideologia; e a psicanálise de Jacques Lacan, estruturando o inconsciente como linguagem (NASCIMENTO, 2018).

Partindo do trabalho de "interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo na AD" (PÊCHEUX, 2014b, p. 311) que Pêcheux elaborou uma teoria questionando as

disciplinas. Ao questionar as próprias bases teóricas que por ele vinham sendo constituídas, o filósofo criava a construção de um conhecimento sem amarras, de um "pensamento forte" (MALDIDIER, 2003, p. 15) capaz de se permitir transitar por esses novos horizontes e perspectivas, especialmente na articulação das três grandes áreas sob as quais o projeto nasceu.

Muitas vezes, a Análise de Discurso aparece como uma tentativa de superar tanto a filologia tradicional, quanto as diversas análises de conteúdo, em uso nas ciências humanas (MAINGUENAU, 1990). Orlandi (2019) fala que esta é a especificidade da Análise de Discurso, o de ser análise da linguagem e, assim sendo, trabalhar a articulação descrição/interpretação, uma junção da análise material e da ideologia, formando uma prática em seu funcionamento, tendo como materialidade o discurso.

2.2.1 Das condições de produção em Análise de Discurso

Referindo-se as análises, Pêcheux (2014a, p. 78, grifo no original) afirma que é "*impossível analisar um discurso como um texto* [...], é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção". Isso quer dizer que o discurso, enquanto um processo e efeito de sentido, nunca se constrói sozinho, ou tem início por si mesmo, mas sempre do que há em seu entorno também. Não fica, então, às margens ou na deriva do isolamento.

A noção de condições de produção nasceu da reformulação feita por Pêcheux sobre o termo circunstâncias de um discurso (PÊCHEUX, 2014) e que podia ser visto, por exemplo, nos estudos de Jakobson e em seu modelo transformacional da comunicação que abordava sobre o emissor, o receptor e o destinatário. Com a transformação, Pêcheux diz que (2014a, p. 74, grifo no original), "o papel dado ao *contexto* ou à *situação*, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão" é o que auxiliará, em partes, na construção de um discurso. As condições de produção, relacionam-se diretamente aos processos discursivos, pois

> o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o 'fundo invariante' da língua (essencialmente: a sintaxe [...])", ou ainda, "o estudo da ligação entre as 'circunstâncias' de um discurso – que chamaremos daqui em diante suas *condições de produção* – e seu processo de produção. (PÊCHEUX, 2014a, p. 73-74).

Em outros termos, não basta apenas ater-se aos elementos textuais, mas deve-se, do mesmo modo, levar em consideração as variações advindas em âmbito do processo de produção e as circunstâncias desse discurso. O discurso, para o filósofo, está centrado no interior de uma situação de força, isto é, essa situação de força representa nossas posições, ou as posições dos sujeitos em uma determinada estrutura. Dependendo da posição à qual cada um se situa é que o discurso será emanado, assim se modificando diante das posições ocupadas (NASCIMENTO, 2018).

Orlandi (2015, p. 28) aponta que as condições de produção abarcam "fundamentalmente os sujeitos e a situação". Ainda de acordo com a autora, as condições podem ser analisadas em sentido estrito, quando se restringe ao contexto imediato, e amplo, quando inclui o contexto "sócio-histórico, ideológico". Os textos, considerados como a materialidade do discurso, estabelecem sentido em relação ao contexto histórico. Para complementar conceitos, Mussalim (2001, p. 106) afirma que "as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações", porque se conectam fortemente aos efeitos de sentidos, sendo fonte destes.

2.2.2 Da posição sujeito em Análise de Discurso

A posição sujeito em Análise de Discurso se deu após Jaques Lacan, que estudava o inconsciente por meio da linguagem, inseri-la em seus estudos, sendo esse sujeito um ser de linguagem ou falante, como sugere Henry (1997). Lacan teve os estudos do inconsciente iniciados após ler Sigmund Freud, quem deu origem a tal descoberta (MUSSALIM, 2001). Embora Jaques Lacan tenha sido importante nos estudos de Pêcheux sobre a teoria materialista, seu nome pouco é referenciado em sua obra fundadora da análise automática do discurso.

Gadet et. al. (2014, p. 53) aponta que "O sujeito do inconsciente, que não cessa de advir para se apagar enquanto resíduo logo renascente, procede do lugar do simbólico, lugar do Outro, distinto do outro, o da relação imaginária que diz respeito ao eu, o sujeito da psicologia e da psicologia social", a dificuldade de se compreender quem era o sujeito em Lacan traz essa reflexão sobre um sujeito parte de uma realidade e contextos sociais.

No entanto, o sujeito visto pela ótica lacaniana, difere do sujeito da teoria ideológica de Louis Althusser, que trata da existência de uma forma-sujeito da qual é possível se revestir para existir novamente. Nas hipóteses movidas por Althusser, o sujeito que aparece é aquele consciente, possuidor de seu dizer, dono de si próprio com ciência e sabedoria. Ele é, acima de

tudo, livre. Em oposição a isso, o sujeito de Lacan é o do inconsciente, dividido, desmembrado e estruturado a partir da linguagem (NASCIMENTO, 2018).

Ao adotar o inconsciente como uma linguagem, Lacan evidencia a existência de uma estrutura em nível discursivo, subordinada a leis e que transforma a própria linguagem em uma "condição do inconsciente" (MUSSALIN, 2007, p. 107). Para Pêcheux (2014a, p. 81-82), ao tratar do sujeito no interior dos processos discursivos de significação, esclarece que eles marcam "lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] assim, por exemplo, no interior da esfera de produção econômica, os lugares do 'patrão' [...], do funcionário de repartição, do contramestre, do operário" e que "são marcados por propriedades diferenciais determináveis".

Orlandi (2015, p. 20) explica que "as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores". E "[...] a análise de discurso mostra que o sujeito e a significação não são transparentes e aponta para uma relação problemática das ciências sociais com o político, na medida em que estas supõem essa transparência da linguagem". (ORLANDI, 2008, p. 32).

3 OS FUNDAMENTOS DA DEFICIÊNCIA FÍSICA

3.1 Breve histórico da deficiência física no mundo

O percurso de vivência das pessoas com deficiência é marcado por diversos preconceitos e uma extensa luta em favor dos direitos à cidadania, independente da cultura a qual pertença. A palavra cultura tem origem no termo latino *colere*[2] que significa "cultivar", "habitar". Tem-se origem aí, que o modo como uma cultura é originada e sua evolução, definem o processo de educação dessa sociedade (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011).

De acordo com Leontiev (2004), a cultura faz parte da evolução do homem, desde os processos mais simples (orgânicos), até os mais complexos (sociais). A visão sócio-histórica aponta ser por meio da transmissão de conhecimentos, que as gerações começam sua vida em um mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações que o antecederam. Então, ele vai se apropriar deste mundo por meio do trabalho. "Os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer às suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos". (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Tais afirmações levam a percepção de que, para o homem, a concepção de trabalho está intimamente ligada à questão da sobrevivência. Porém, na história da humanidade, as pessoas com deficiência transmitiam uma imagem de deformação da mente e do corpo, demonstravam uma incapacidade que não era delas, mas sim, atribuídas a elas. Essa invalidez designada para as pessoas com deficiência acaba por impedi-las de exercer funções sociais simples, como a do trabalho, excluindo a necessidade de sobrevivência para essas pessoas (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011).

De acordo com Gugel (2007), têm-se relatos a partir do século XV, principalmente, de pais que abandonaram suas crianças dentro de cestos em lugares quaisquer ou outros lugares considerados sagrados. O nascimento de deficientes era entendido como castigo divino; eles eram vistos como a personificação do pecado. Eram seres diabólicos que tinham que ser castigados para poderem se purificar. Nessa mesma época, a Igreja Católica se consolidou como uma grande aliada dos deficientes, pois os acolhia.

---

[2] CULTURA. Dicionário Etimológico. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/. Acesso em: 20 jul. 2021.

E é nesse contexto que se enquadra Quasímodo, pois sua história é exatamente essa, um bebê com deficiência, que é abandonado frente à Catedral de Notre-Dame, em um cesto, na Paris do século XV. A história de Quasímodo mostra o quão pesado são os preconceitos vividos por pessoas com deficiência, desde a infância. Os religiosos acreditavam que, se o homem é a imagem e semelhança de Deus, portanto, seres humanos perfeitos; as pessoas com deficiência eram opostas à criação divina (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA, 2011).

A obra de Victor Hugo **O corcunda de Notre-Dame** (2018) detalha muito bem como as pessoas com deficiência eram vistas no século XV. Como contraponto desta visão, tem-se os personagens do século XXI **Formiga Zaroia** (2021) e **Juquinha** (2021) da escritora radicada em Sinop, Mato Grosso, Maria da Paz Sabino e ilustradores, que também são personagens com deficiência, mas enfrentando uma realidade totalmente oposta. Formiga Zaroia, trabalha em seu formigueiro em um *status* de chefe, seus subalternos não questionam o fato de ela ter esse cargo tendo, também, uma deficiência. Já o Juquinha é uma criança que frequenta a escola e não é visto como diferente pelos colegas ou professores. Nessas obras do século XXI, suas deficiências não são nem mesmo enfatizadas no texto escrito, apenas por ilustração, como se isso não as fizessem diferentes em nenhum aspecto.

A história de Notre-Dame ou Igreja de Nossa Senhora de Paris conta sobre Quasímodo, um homem que, quando ainda era uma criança, é abandonado por sua família por conta das deformações de nascença em seu corpo. A obra também tem como personagem a jovem cigana, chamada Esmeralda, que dança na praça da Catedral de Notre-Dame. Ela é adorada por três homens: o arquidiácono Frollo, o corcunda Quasímodo e o capitão Phoebus. Falsamente acusada de tentar matar Phoebus, que quase a violentou, Esmeralda é sentenciada à morte, e salva da forca por Quasímodo, que a defende até o fim.

Já o livro **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** conta a história de uma formiga trabalhadora que dedica seus dias ao seu empreendimento, juntamente com centenas de outros insetos de sua espécie. Zaroia tem como melhor amiga a fiel cigarra Bico Fino, a amizade nasceu, pois, o alegre canto da cigarra inspirava Zaroia em seus trabalhos diários. Em ritmo de paz e harmonia, as duas ensinam que, mesmo havendo preconceitos que perduram ao longo dos tempos, cigarra e formiga podem sim, ter uma convivência harmoniosa e pacífica, mesmo que sejam seres completamente diferentes.

E em **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, temos Juquinha e Joãozinho, dois amigos que estudam juntos. Juquinha é um menino alegre e feliz que adora fazer novas amizades com todas as crianças. Mesmo tendo uma necessidade especial, não foi excluído do convívio social em sua família ou escola, onde é tratado com amor e respeito. A história aborda

a inclusão social com graciosidade e afeição. A desigualdade e o preconceito não têm lugar nesta obra.

No entanto, vale ressaltar, que o fato de suas deficiências não serem mencionadas ou questionadas por seus colegas, não quer dizer que já não haja preconceito para com essas pessoas no século presente. O que acontece, é que nos dias atuais, a luta contra esses preconceitos é uma pauta de constante discussão. Para Campbell (2005), as pessoas com deficiência enfrentam desafios diários de preconceito velado quando negociam a sua existência em um mundo que lhes apaga o valor.

As histórias de **Formiga Zaroia** e de **Juquinha** são uma amostra da sociedade a qual queremos viver e onde as pessoas com deficiência merecem viver: um mundo em que as pessoas são julgadas por sua capacidade e personalidade, mas jamais pela aparência física. No entanto, essa realidade, apesar de ainda não ser a desejada, é uma evolução imensurável quando comparada a história de Quasímodo, que retrata a sociedade do século XV, que, media a capacidade das pessoas de acordo com sua aparência.

Courtine (1990 apud MAZZOLA, 2015, p. 110-111), referindo-se a cultura da aparência, afirma que as mídias "[...] fizeram do corpo um objeto-farol, um objeto central da representação política. É como se passássemos de uma política do texto, veículo de ideias, a uma política da aparência, geradora de emoções". E percebemos isso quando a sociedade julga as pessoas como incapacitadas pela aparência, desde os tempos imemoriais até os nossos dias.

3.2 A deficiência física e os marcos legais

Discorrer sobre o tema da deficiência não é uma tarefa simples, principalmente por se tratar de uma temática que pode ser estudada por diversas áreas: a histórica, a psicológica, a do direito, a da educação, entre outras. Além do que, reconstruir o histórico acerca das pessoas com deficiência, devido à maneira pela qual elas foram abordadas ao longo dos anos, não é um trabalho preciso, pois não se trata de um processo contínuo nem homogêneo, alternando de um lugar para outro num mesmo período histórico. De um modo geral, os indicativos históricos apontam para uma realidade de exclusão social das pessoas com deficiência, seja por elas não poderem defender o grupo social a que pertenciam, seja por representarem um custo social para o Estado, dentre outros exemplos de exclusão social (SILVA, 1987).

Conforme Carvalho-Freitas e Marques (2009), grande parte dos fragmentos históricos de que se têm registro, leva a compreensão de que, quanto mais se volta no tempo para analisar, mais exclusão com pessoas com deficiência se pode encontrar. A evolução do conhecimento

acerca das pessoas com deficiência, fez com que, aos poucos, a visão preconceituosa que se tem sobre elas, seja amenizada.

O movimento político da inclusão social teve suas primeiras evidências, de fato, no final do século XX, mais fortemente após meados da década de 1970, nos países mais desenvolvidos, e se consolidou nas décadas de 1980 e 1990 indo para outros países, inclusive o Brasil (CARVALHO-FREITAS; MARQUES, 2009).

O que é possível encontrar antes da década de 1970, ainda mais no Brasil, são ações assistencialistas e voltadas para atividades de caridade. A Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU, em nove de dezembro de 1975, garantiu considerações específicas no planejamento econômico-social (art. 8º), contribuindo para a emergência do movimento das pessoas com deficiência (SILVA, 1987). Além disso, a mesma Declaração (1975), expõe de modo claro que

> As pessoas deficientes têm o direito inerente de respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade, o que implica, antes de tudo, o direito de desfrutar de uma vida decente, tão normal e plena quanto possível. (ONU, 1975).

Esse movimento objetivava não apenas à melhoria das condições de vida, mas também à diminuição do rótulo de ‘incapaz’ ou ‘inferior’, presente em alguns discursos e acontecimentos históricos anteriores, e à efetiva inclusão e participação social dos deficientes na sociedade.

Apesar de a inclusão ser garantida por lei, a aplicação dos direitos das pessoas com deficiência ainda não é de todo eficaz. As lutas são gigantes, enquanto as conquistas são pequenas e avançam a passos lentos, mostrando que parte dessa ineficácia tem origem nos preconceitos. Cada deficiência requer uma atenção e essas diferenças causam estranheza, incógnitas, prejudicando o avanço rápido da inclusão pela sociedade.

A inclusão, nesse sentido, refere-se à garantia de direitos e remete a uma mudança social acerca do manejo com as necessidades especiais de cada pessoa. E, para dar continuidade aos acontecimentos da década de 1970, na metade da década a ONU declarou o ano de 1981 como Ano Internacional da Pessoa Deficiente (AIPD) (FIGUEIRA, 2008), propondo-se a promover ações voltadas para esse público, bem como chamar a atenção para a questão da deficiência.

A primeira representação política no Brasil das pessoas com deficiência se deu por meio da Coalisão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, em 1979, sendo

importante para chancelar essa questão e contava com representantes de diversos tipos de deficiência e doenças causadoras de deficiência. Uma das representações políticas de garantias de direitos das pessoas com deficiência mais consolidadas à época da pré-aprovação da Constituição de 1988 foi a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), criada em 1986, e que se destinava a criar ações inclusivas em todo o território nacional para as pessoas com deficiência (PAIVA; BENDASSOLLIL, 2017).

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos (2010), a elaboração da coordenadoria e a criação da Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, em 1989, foi de grande importância para garantir o atendimento dos interesses desse grupo populacional. Como agentes de promoção dos direitos dos deficientes, também foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE), órgão de discussão coletiva para garantir que fosse implementada a Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Os conselhos de deliberação têm a função de sugerir diretrizes, tomar decisões relacionadas às políticas e cuidar da gestão de programas, já o CONADE está subordinado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2010). A Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, da ONU, aprovada em julho de 2008 pelo Decreto Legislativo nº 186 e promulgada pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, com equivalência de Emenda Constitucional, foi outro marco relevante para o movimento das pessoas com deficiência (BRASIL, 2010).

Foram todas essas conquistas que permitiram a construção de personagens como a **Formiga Zaroia** e o **Juquinha**, ambos são reflexos dessa sociedade, que, ao longo da sua evolução cultural, criou algumas formas de tornar mais fácil a vida das pessoas com deficiência. No entanto, não podemos esquecer que toda a história que possibilitou que essas marcas legislativas acontecessem para se fazer o contraponto da história de Quasímodo, para essa realidade menos opressora. Em apenas seis séculos, a história transformou a vida das pessoas com deficiência, tornando cada dia mais aceitável as diferenças que a sociedade apresenta.

3.3 A exclusão social pela deficiência física

As deficiências foram vistas por um longo período como um castigo divino e, para os povos antigos, compreender que as deficiências não possuem correlação com o divino foi impossível. Na Roma Antiga, por exemplo, tanto nobres quanto plebeus, tinham permissão para sacrificar os filhos, caso nascessem com algum tipo de deficiência. Da mesma forma, em

Esparta, os bebês que nasciam com deficiência ou qualquer pessoa, que por ventura, viesse a adquirir uma deficiência, era atirado ao mar ou lançado pelo precipício (SILVA et al., 2015).

Essa rejeição ao corpo humano, devido suas diferenças é, desde sempre, a maior demonstração de exclusão social. As diferenças físicas ainda são comumente relacionadas à invalidez e incapacidade. Há uma tendência a separar pessoas com deficiência, de pessoas sem deficiência, como se fosse possível um contágio por aproximação, como vivenciado por mim.

Lobo (2008) enfatiza que não se deve negar a existência de marcas corpóreas que caracterizem a deficiência, mas deve-se deixar de ser natural ao homem fazer essa associação de modo negativo, como se apenas a fisiologia do corpo a abrangesse e a explicasse, e que a história estivesse ausente desse processo. A matéria da deficiência existe, mas não quer dizer que seja a própria deficiência, que é forma histórica, objetivação dessa matéria.

O discurso acerca da deficiência física alastra-se na comunidade, nos institutos de previdência, nos enunciados de laudos e pareceres médicos, nas políticas de assistência, inclusão social e acessibilidade. Quando as práticas discursivas se referem às pessoas com deficiência, principalmente física, parece existir a necessidade de nomenclaturas para defini-las se baseando em conceitos clínicos que precisam de diagnóstico e intervenção terapêutica.

Igualmente, destacamos o fato de que periodicamente são exigidos laudos médicos que comprovem a incapacidade física desses indivíduos, de modo que lhes possam conceder benefícios, auxílios-doença, passes livres em transportes públicos ou lhes autorizem reabilitação. Há ainda, o recebimento de medicações e outros materiais imprescindíveis, como órteses, próteses, cadeiras de rodas, bengalas, cateteres para esvaziamento vesical. Tais comprovações também são imprescindíveis para a utilização das cotas de contratação de deficientes em empresas e para a inscrição em concursos públicos. A deficiência parece deste modo, exteriorizar-se do discurso médico, biológico, de suas marcas fisiológicas e amparar-se nas leis, trabalhista e político (SILVA, MIRANDA, GERMANO, 2011).

Ainda, conforme Silva, Miranda e Germano (2011), o ser humano, nesses casos, possui menos valor do que a necessidade de se provar suas diferenças e limitações. A desonrosa burocracia desumaniza a pessoa com deficiência ao reduzi-la a sua condição física. A necessidade de médicos que laudem as deficiências, traz a sensação de que, caso isso não ocorra, a pessoa não poderá ser tratada como um ser humano qualquer. Quando se tem um laudo que o limite ao que está no documento, automaticamente, temos a necessidade de nos sentir compadecido deste ser humano que é diagnosticado como anormal. As Constituições e todos os poderes legislativistas tiveram sua fundamentação nesse tipo de poder controlador da vida, o que legitima um dispositivo normalizador. E que promove uma omissão das pessoas com

deficiência. Trata-se, então, de um poder que espalha os vivos em um domínio de valor e utilidade, opera em torno da norma, e que, para tanto, necessita qualificá-los, medi-los, avaliá-los, hierarquizá-los.

Como parte da estrutura conceitual do modelo social, proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) abrange aspectos mais complexos como a funcionalidade, a atividade, a participação social e os fatores ambientais. Determina ainda que tais pontos sejam utilizados não somente pelos serviços de saúde, mas também em educação, nas legislações, nos programas, na previdência social, nas políticas públicas, nas práticas clínicas, nas áreas de ensino e de pesquisa (SILVA; MIRANDA; GERMANO, 2011).

Esse valor da exterioridade das pessoas, que originou a história de Quasímodo, pois a impregnação social do preconceito se transformou em uma necessidade de que as pessoas abandonassem seus filhos, independentemente de como ele poderia se tornar futuramente. E é a relativização dos corpos que permitiu que essa história fosse diferente, apesar de ser especialmente uma explicação do abandono de Quasímodo é, também, a concretização do que ainda é necessário mudar.

4 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS E PERSONAGENS DE VICTOR HUGO E MARIA DA PAZ SABINO

4.1 Vida, obras e contexto histórico de Victor Hugo

Victor-Marie Hugo, nasceu em fevereiro de 1802, em Besançon, na França. Foi o terceiro filho de Sophie Trébuchet e Joseph Léopold Sigisbert Hugo, Conde de Siguenza, um major que, mais tarde, se tornaria um general do exército napoleônico. A infância de Victor Hugo foi marcada por grandes acontecimentos. Seus pais tinham pontos de vista políticos e religiosos muito distintos: seu pai era um oficial que havia atingido uma elevada posição no exército de Napoleão. Era um republicano que considerava Napoleão um herói, já sua mãe era uma radical católica defensora da casa real (GASPAR, 1997).

Hugo passou sua infância entre Paris, onde estudou com muitos tutores e, também em escolas privadas, Nápoles e Madrid. Sempre considerado precoce, ainda jovem tornou-se escritor, tendo em 1817, aos 15 anos, sido premiado pela Academia Francesa por um de seus poemas. Em 1819 fundou, junto de seus irmãos, a revista **Le Conservateur Littéraire**, e, no mesmo ano, ganhou o concurso da *Académie des Jeux Floraux*, instituição literária francesa fundada no século XIV. Já em 1821, Victor Hugo publicou seu livro de poesias, **Odes et poésies diverses** (Odes e Poesias Diversas), com o qual ganhou uma pensão, concedida por Luís XVIII. Um ano mais tarde publicou seu primeiro romance, **Han d'Islande** (Hans da Islândia) (CALLIPO, 2011).

Hugo e sua amiga de infância, Adèle Foucher, casaram-se em 12 de outubro de 1822. No ano seguinte, com a morte do primeiro filho e o fracasso literário do livro **Hans da Islândia**, que não agradara a crítica, o período de estabilidade vivido até então, foi interrompido. Em 1824 nasce sua primeira filha, Leopoldine (HORTA; VIANA; RIVERA, 2002).

No ano de 1827, no prefácio de seu extenso drama histórico, **Cromwell**, Hugo expõe uma chamada à liberação das restrições que impunham as tradições do classicismo. Neste mesmo prefácio, o autor defende o drama moderno, com a coexistência do sublime e do grotesco (MORI, 2009). O sucesso do prefácio de **Cromwell** consolidou a imagem do autor como a principal liderança do romantismo na França. Em 1830 estreia **Hernani**, a sua primeira obra teatral, que representa o fim do classicismo e expressa novas aspirações da juventude. A peça, que reverencia o herói romântico em luta contra a sociedade, divide opiniões, agradando os jovens e desagradando os mais velhos, o que dá início a uma disputa de público que colabora para a consagração de Hugo como líder romântico (GASPAR, 1997).

Ainda de acordo com Gaspar (1997), em 1830, após o nascimento da segunda filha, que recebeu o nome da mãe, sua esposa decide não ter mais filhos e confere ao marido liberdade para transitar por Paris, desde que não a aborrecesse. Isso faz com que ele se entregue à libertinagem, ligando-se indistintamente a atrizes, aristocratas e humildes costureiras, mas não se separara de Adèle.

Seu romance, **O corcunda de Notre-Dame,** é lançado em 1831. Considerado o maior romance histórico de Victor Hugo, o livro definiu a forma de exploração ficcional do passado que marcaram o romantismo francês. O livro narra a história do amor altruísta do sineiro corcunda da catedral de Notre-Dame, Quasímodo, pela dançarina cigana, Esmeralda. Com um estilo realista, especialmente, nas descrições da Paris medieval e seu submundo, a história é dramática, com inúmeras reviravoltas irônicas. O livro foi um sucesso imediato e fez de Victor Hugo o mais famoso escritor que vivia na Europa, o livro se propagou e foi traduzido por todo o continente (MORI, 2009).

No ano de 1832, Hugo mudou-se para um apartamento na Praça de Vosges, onde morou até 1848, tendo sido visitado por escritores distintos como Honoré de Balzac, Alfred de Musset, Alexandre Dumas e o compositor Franz Liszt. Tornou-se favorável a uma democracia liberal e humanitária, sendo eleito deputado da Segunda República em 1848, e apoiando a candidatura do príncipe Louis-Napoléon. Exila-se após o Golpe de Estado de 2 dezembro de 1851, que condena avidamente, por razões morais, em **Histoire d'un crime** (DE GOUVEIA, 2020).

Durante o Segundo Império, em oposição a Napoléon III, vive em exílio em Jersey, Guernsey e Bruxelas. Morreu em 22 de maio de 1885. De acordo com seu último desejo, seu corpo é colocado em um caixão humilde que é sepultado no Panthéon (CONWAY, 2020).

4.1.1. O Corcunda de Notre-Dame, de Victor Hugo

O romance **O corcunda de Notre-Dame** foi escrito por Victor Hugo no ano de 1831, trazendo como característica importante a denúncia de conflitos presentes na dinâmica social. A obra reflete também marcas de um pensamento estético e filosófico específicos, assim como traços históricos da sociedade do século XV. A narrativa utilizada por Victor Hugo revela os elementos presentes nos conflitos humanos, apontando detalhes contidos nas relações de poder desse período ao evidenciar as intrigas, as relações de amor e ódio, os jogos de sedução e as estratégias utilizadas para a eliminação do outro (SOUZA; LEITE, 2008).

Mori (2009) explica que na obra **Do Grotesco e do Sublime**, escrito em 1827, Victor Hugo atribui aos tempos primitivos, o lirismo; aos antigos, a epopeia e ao que ele chama de

modernidade, o drama. Juntamente com a civilização, é introduzida a melancolia, um sentimento maior que a gravidade e menor que a tristeza. A salvação da alma e a busca da vida eterna passaram a ser uma preocupação verdadeira para os homens e os tornaram melancólicos.

No entanto, o cristianismo trouxe outro olhar estético: o homem cristão passou a pensar que nem tudo na criação é humanamente belo, que o feio e o disforme convivem com o gracioso, que o grotesco é o reverso do sublime. A complexidade e ambivalência entre o grotesco e o sublime e, ao mesmo tempo, as fronteiras que os separam, são tomadas por Victor Hugo como pontos que subsidiaram sua escrita em **O corcunda de Notre-Dame**. A história do corcunda feio e disforme que habita a catedral parisiense é tomada como exemplo de como a pessoa com deficiência era concebida e tratada na Idade Média.

Contudo, os doentes e os deficientes recebiam quase nenhuma ação solidária. O "diferente" era associado à imperfeição, logo, não poderia ter sido concebido por Deus. Como desdobramento desses acontecimentos, em 1831 nasce a obra **O corcunda de Notre-Dame**, na qual Victor Hugo retrata a difícil relação e convívio do grotesco na sociedade da época, tendo como paisagem central a Catedral de Notre-Dame.

Na ocasião da Revolução Francesa (1789-1799), a Catedral de Notre-Dame virou um grande depósito. Ainda que considerada imponente e símbolo da fé cristã, serviu como armazenamento de guerra. A partir deste momento, foi restaurada inúmeras vezes. É nesse contexto que Victor Hugo (1802-1885) escreve **O corcunda de Notre-Dame** (1831), obra literária ambientada na Idade Média, como forma de protesto aos acontecimentos que acometeram a Catedral, tirando seu símbolo e beleza originais (DE CAMPOS WEIMER; LIMA, 2015).

4.1.2 O Corcunda de Notre-Dame, a obra

A obra **O corcunda de Notre-Dame** teve sua primeira publicação com o título '*Notre-Dame de Paris*', mas o personagem que a fez eterna, não era o centro da história, somente quando teve sua primeira tradução para o inglês, em 1833, o corcunda teve sua menção no título. O intuito de Hugo era criar um romance histórico, direcionado ao público adulto, com a intenção de conscientizar a respeito da preservação da Catedral de Notre-Dame. No livro, o autor não descreve somente como era a Catedral, mas explica de maneira histórica, como era a Paris medieval, e as nuances de seus personagens, desde os mendigos e ciganos, até mesmo à nobreza e ao rei (SOUZA; LEITE, 2008).

A história se passa no ano de 1482, em Paris, a capital de França. O enredo se desenrola dentro e ao redor da Catedral de Notre-Dame, na *Île de la Cité*, em meio ao rio Sena. Onde estavam situados dois dos maiores edifícios majestosos da cidade à época: a Catedral e o Palácio da Justiça, tais monumentos, uniam em proximidade, a religião e o governo de Paris. A Catedral foi edificada em 1330, sendo a principal igreja da cidade. Além de seu cunho religioso, abrigava órfãos e qualquer pessoa poderia procurar refúgio da lei por ali (HUGO, 2018).

As mais distintas camadas sociais compõem os personagens da história: o clérigo e os aristocráticos se misturavam com os pedintes e os ciganos nas ruas *da Île de la Cité*. O rei Luís XI da França, que governava à época, tinha o costume de assistir à missa todos os dias na Catedral. Mas haviam muitos sem-abrigo e pobres em Paris, os pedintes tinham as mais variadas diferenças: pessoas com deficiências, ciganos, ladrões e doentes. No entanto, a sociedade via como uma ameaça tais diferenças. Os ciganos eram nômades, e se mudavam de cidade em cidade, deixando os moradores arredios (DE CAMPOS WEIMER; LIMA, 2015).

Mori (2009) diz que a história se passa à volta de um corcunda e deformado homem, que foi acolhido por Claude Frollo, o arquidiácono. O padre o batiza de Quasímodo, que enfrenta inúmeros problemas, por conta do amor que sente por uma bela cigana, Esmeralda, mas não é correspondido. Esmeralda é uma moça que tem uma beleza quase suprema, um tanto celestial. Isso faz com que Quasímodo e Dom Claude se apaixonem pela personagem.

São duas maneiras diferentes de amar, enquanto Quasímodo a ama sem interesses, Frollo alimenta uma enorme paixão, com muito desejo sexual, embora, muitas vezes, se possa notar um grande carinho e ternura em meio a essa paixão. No entanto, a moça não escolhe o amor de nenhum deles, ao invés disso, prefere amar Phoebus, um oficial da guarda real, que diz amá-la, mas o rapaz tem uma noiva e não alimenta sentimentos por ela, apenas desejo carnal (MORI, 2009).

A história traz profundidade para todos os personagens principais, mas há quem considere Claude Frollo o personagem mais profundo do livro. Mas, vamos nos ater aos que interessam a esta pesquisa: Quasímodo e Esmeralda.

4.1.3 O Corcunda de Notre-Dame, o personagem Quasímodo

Quasímodo é o personagem central do livro **O corcunda de Notre-Dame**, de autoria de Victor Hugo, publicado em 1831. Um corcunda de nascença, Quasímodo habita o campanário da Catedral de Notre-Dame de Paris, afastado da sociedade e temido pelos habitantes locais. Ele nasceu com uma notável deformação física, descrita pelo autor como "Quasímodo nascera

caolho, corcunda, coxo" e "[...] aos catorze anos, uma nova doença veio completá-lo: os sinos tinham rompido seus tímpanos, ele ensurdecera" (HUGO, 2018, p. 200). Abandonado ainda criança, num dia de domingo de quasímodo, ou seja, o domingo seguinte ao domingo de Páscoa. O bebê foi recolhido pelo arquidiácono Claude Frollo, que o designou para ser sineiro da Catedral de Notre-Dame de Paris, quando ficou mais moço. Devido ao alto som dos sinos da Catedral, Quasímodo acaba por ficar surdo. Visto como um monstro pela população de Paris, ele mais tarde se apaixona pela cigana Esmeralda e a salva quando ela se envolve em um assassinato (HUGO, 2018).

O corcunda aparece pela primeira vez no romance no Livro 1, Capítulo 5, “era, de fato, uma careta maravilhosa que brilhava, naquele momento, no vão aberto da rosácea” (HUGO, 2018, p. 82). É essa “careta maravilhosa” que lhe rende o título de Papa dos Loucos, seguido de ovações de reconhecimento, “é Quasímodo, o sineiro! É Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o coxo!” (HUGO, 2018, p. 85). A tudo isso, Quasímodo atende impassível, reagindo apenas quando alguém ficava muito próximo, levando à conclusão de que o sineiro também era surdo (VALADARES, 2015).

Na literatura, o grotesco pode aparecer em diversos níveis como o das descrições, das falas de personagens, de imagens ou metáforas, dos títulos de obras, da composição de frases ou mesmo palavras, etc. Assim, “podem ser descritos como grotescos: um diálogo truncado e incoerente, uma personagem com traços ao mesmo tempo monstruosos e infantis, um enredo tragicômico, enfim, qualquer composição baseada na caracterização esdrúxula e sem nexo” (VOLOBUEF, 2003 p. 26). Deste modo, o grotesco, enquanto categoria estética, tem como vizinhos o absurdo e a caricatura, podendo ainda se utilizar da sátira e da anedota ou imprimir-se ao medonho e descomunal, elementos da literatura gótica e da fantástica (VOLOBUEF, 2003).

Ao passarmos para o enredo e os personagens, as mais esquisitas adequações são apresentadas ao leitor. No centro de tudo está Quasímodo, o sineiro da catedral. A sua volta se desenrola a trama e se apresentam os demais personagens, cujas ações, sentimentos, interesses e fraquezas nos levam a curiosas situações e associações que, sucessivamente, produzem situações grotescas. Para exemplificar, vejamos Claude Frollo e Esmeralda, as duas figuras mais importantes na vida de Quasímodo e que morrem ao final do livro diante de seus olhos (BROCA, 1979).

4.1.4 O Corcunda de Notre-Dame, os personagens Esmeralda e Frollo

Esmeralda é uma jovem, nascida Agnes, que foi raptada por soldados aos seis anos e, desde então, vivia com os ciganos. É galanteada pelos homens por sua dança, porém, é rejeitada pela sociedade como feiticeira. À soma disto, há o fato de que é uma mulher estrangeira em meio a uma sociedade muito fechada, onde somente as pessoas dali eram bem-vindas e bem vistas (HUGO, 2018).

Esmeralda é vista pela primeira vez dançando pelas ruas. Alguns guardas chegam e a assediam, mas com a ajuda de Djali, sua cabra, e Phoebus, ela escapa. Ela é, então, vista dançando no festival dos tolos e chama a atenção de todos, até mesmo de Frollo. Quando é chegado o momento de coroar o rei dos tolos, ela puxa Quasímodo para o palco, pensando que no rosto dele tinha uma máscara. Quando percebem a falha, a multidão tortura Quasímodo, ela só vem em seu auxílio e acusa Frollo de crueldade por não o ter parado mais cedo e por não proporcionar justiça para ele (BALIZA, 2018).

Baliza (2018) ainda diz que ela é uma mulher destemida e com um coração bondoso. Ela também é capaz de olhar além das aparências físicas e é uma das primeiras - e única - pessoa a fazer amizade com o deformado, mas ainda amável, corcunda Quasímodo. Esmeralda é uma heroína cujo maior desejo é ver pessoas como Quasímodo, e seus companheiros ciganos, serem aceitos na sociedade.

Ela atrai a atenção de três homens: Quasímodo é o primeiro a se apaixonar por ela, logo que ele a conhece no Festival dos Tolos; Claude Frollo começa a gostar dela e se afunda nos sonhos de obsessão sobre ela; e Phoebus que também a ama, e ele é, quem acaba por ganhar o seu amor em troca. Pois, quando perseguida, ao buscar refúgio na igreja, se depara com Phoebus e um breve romance se instala (DE CAMPOS WEIMER; LIMA, 2015).

Esmeralda é acusada de assassinato, mas não aceita essa acusação, para fugir dessa tormenta, decide se entregar ao arquidiácono. Ao ser conduzida ao átrio da igreja para receber sua sentença de morte, o corcunda se apossa dela, levando-a para dentro da Catedral, ali, a lei de abrigo a mantém protegida. O corcunda passa a noite toda cuidando da moça. Entretanto, os demais ciganos vêm libertá-la, investindo contra as portas de entrada. Quasímodo a igreja sozinho, jogando pedras, barras de ferro, madeira e chumbo derretido sobre os invasores. Frollo se aproveita da confusão formada para raptar a cigana e tenta seduzir ela. Irritado com seu desprezo, ele a joga às garras de uma velha escondida no "buraco dos ratos" e considerada louca. Contudo, ao invés de machucar a moça, a velha reconhece na cigana sua própria filha Agnes e a protege. Mas o momento de paz de Esmeralda é muito breve; logo em seguida, ela é encontrada pelos guardas da cidade, que a levam novamente para a Catedral, para sua execução, na praça (HUGO, 2018).

Do topo da Catedral de Nossa Senhora, o corcunda e o arquidiácono assistem à execução da cigana. Quasímodo, muito desesperado, arremessa o padre de cima da torre e some para sempre. Depois de muito tempo, ao ser aberta a cova onde Esmeralda foi sepultada, são encontradas duas caveiras abraçadas; uma delas, com uma visível corcunda na espinha (BALIZA, 2018).

4.2 Vida, obras e contexto histórico de Maria da Paz Sabino

Maria da Paz Cavalcante Sabino, nasceu em Juarez Távora, na Paraíba, em 1968, nos tempos de revolução. A infância na Paraíba foi muito boa, como Sabino (2021, p. 70) mesmo diz “fui uma menina muito feliz”. A escritora, é jornalista por formação, cursou Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba. Reside atualmente em Sinop, no Mato Grosso, e atua nos meios de comunicação da cidade desde 1995. Sua vida profissional começou como repórter do antigo jornal Diário do Norte. Foi correspondente dos três principais jornais da Capital durante dez anos, tempo suficiente para perceber que estava na hora de alçar voo rumo ao empreendedorismo. Então, teve início na carreira de escritora “sempre gostei de escrever e de contar causos” (SABINO, 2021b, p. 70).

Diversos livros foram lançados em sua carreira de escritora, com as mais variadas temáticas. Uma de suas obras fala sobre os tabus da maternidade **A menina que queria nascer de novo**, neste livro a protagonista de Sabino precisaria entender os processos do ser mãe e as justificativas misteriosas em torno do parto. Os relatos são escritos sob o olhar de uma adolescente, que vivencia o nascimento do irmão, mas a partir do seu entendimento, da sua referência de vida, nada compreende dos tabus íntimos escondidos pelas mulheres sobre o parto, assunto proibido aos olhos de uma garota (FREYTAG, 2011).

Além de contos a respeito da adolescência, Maria da Paz se aventurou no universo infanto-juvenil ao publicar livros que tratam acerca da inclusão social, tema ainda pouco explorado, com um olhar sensível. **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** (SABINO, 2021b) e **Juquinha: o menino que ensinava a amar** (SABINO, 2021a) fizeram tanto sucesso, que ambos já ganharam mais de uma edição.

No entanto, as variações de escrita ganharam, também, o viés biográfico quando Sabino lança sua história com o câncer: **O câncer salvou minha vida**. A autora conta que “a minha experiência com o câncer, doença que me acometeu no ano de 2009. É um relato que mostra

como vivi estes momentos e o que se passa na cabeça de uma pessoa que teve que enfrentar esta tão temida doença" (SABINO, 2019)[3].

Apesar das adversidades vividas, a vida de escritora lhe rendeu bons frutos, pela atuação no campo literário, em 2018, foi eleita como imortal da Academia de Ciências e Letras de Sinop (SABINO, 2021a). Com tal titulação, consagrou-se, ainda mais, como escritora.

4.2.1 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, de Maria da Paz Sabino

Ao longo dos anos, o livro **O mundo fantástico da Formiga Zaroia**, que foi publicado em 2009, ganhou novas edições, recheadas de momentos marcantes, não apenas para a autora, Maria da Paz Sabino, mas para todos que puderam apreciar tais ocasiões. Publicado em primeira mão em Sinop, no Mato Grosso, cidade onde a autora reside, já teve edições lançadas, em outras cidades também (SABINO, 2021b).

O impacto desse conto está na aproximação que o leitor tem com a formiga, que para além das dificuldades que se apresentam, consegue criar caminhos para superá-las, conforme elas surgem. De acordo com Freytag (2009, p. 256) a personificação de Zaroia a transforma em um ser pensante, pois vive um mundo de diferenças e incoerências sociais, assumindo um poder simbólico diante do grupo das saúvas.

Se pensarmos na leitura como fonte de conhecimento, e no livro como a interface das ideias que ele apresenta, a literatura infanto-juvenil é uma fonte de formação e informação para crianças e jovens. Quando essas histórias representam a deficiência, com elementos explícitos ou implícitos, solidificando os preconceitos com relação à deficiência, não serão condizentes com a inclusão social da pessoa com deficiência (NORONHA, 2006). E é exatamente essa normalização de Zaroia que torna sua deficiência quase imperceptível.

Embora tivesse o espírito de liderança e a alegria, Zaroia teve períodos de crise e desespero, chegou a simular loucura para conseguir uma aposentadoria, pois com tantos percalços na vida, a formiga já não conseguia mais ter esperanças, ficando muito fragilizada (FREYTAG, 2009). Tais circunstâncias demonstram proximidade com o leitor, que passa a vê-la como uma igual.

A temática desenvolvida por Maria da Paz rompe com os padrões comuns na literatura infantil e juvenil. A narrativa provoca no leitor uma reflexão diante das relações sociais da sociedade contemporânea. Em Sabino, os personagens não são apresentados como seres

[3] Referência disponível em: <https://www.culturaria.com.br/literatura/o-cancer-salvou-minha-vida-23>. Acesso em: 30 out. 2021.

superiores ou divinos, com poderes mágicos, eles são cidadãos comuns com necessidades, satisfações, vontades, desejos e conquistas. Por este motivo, o leitor é motivado a permanecer na leitura, pois a obra não especifica quem será o vencedor, muito diferente disso, estabelece uma relação de incansável busca, pois nada está pronto e acabado, com uma previsão final do enredo. A cada capítulo são formados novos olhares e perspectivas, em que a história é construída a partir do leitor e em conjunto com ele (MARCHESAN, 2019).

4.2.2 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, a obra

A obra **O mundo fantástico da Formiga Zaroia**, de autoria da jornalista Maria da Paz Sabino, teve sua primeira publicação em 2009 e tem como protagonista a Formiga Zaroia. Ela vive com sua colônia na região do Morro dos Ventos, de acordo com a descrição do espaço está localizada na região nordeste do Brasil. Na história, o formigueiro de Zaroia fica nas terras de Seu Noberto, um pobre e velho senhor, que representa os micro-agricultores e a agricultura familiar brasileira, e que protege seu sustento com unhas, dentes e muito inseticida, assim, travando uma verdadeira batalha, com a colônia das saúvas (MARCHESAN, 2019).

Candido (2000, p. 33), nos conta que “uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador”, exatamente o que transmite a história de Zaroia, que apesar de estar representada na forma de um inseto, enfrenta dificuldades humanas, onde sua diferença não lhe impede de conquistar o que deseja. No entanto, enquanto personagem, a saúva enfrenta também suas adversidades de inseto, como, por exemplo, as diversas ameaças de Seu Noberto.

Além dos ataques humanos, Zaroia e sua colônia sofriam ataques de outros animais, como o sapo Leleu, que estava armando um bote para devorar as formigas que ficavam abrigadas no alto do juazeiro. O juazeiro, árvore característica do semiárido brasileiro recebe bastante destaque na história de Sabino, pois, a autora, sendo nordestina, faz uso de suas memórias para transmitir por meio do conto alguns aspectos da sua região (MARCHESAN, 2019).

Conforme Halbwachs (1990), a memória particular do indivíduo, surge a partir da memória de um povo, ou seja, de uma coletividade. Assim, as recordações pessoais do ser humano são desenvolvidas no interior dos grupos, onde memória está ligada a algo maior, que é a memória coletiva de cada sociedade. Desta maneira, Sabino reconstrói suas memórias com o olhar do presente, levando em conta todas os conhecimentos adquiridos até então.

Candido (2000, p. 33) diz que “Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos”. Esses elementos não-literários seriam o impulso para a leitura do texto, pois o público teria a missão de compreender os diversos significados que um texto literário carrega e não ficariam detidos a esses elementos que são apenas um apoio e complemento para a análise e interpretação.

4.2.3 O Mundo Fantástico da Formiga Zaroia, a personagem Zaroia

Zaroia é a personagem título do livro **O mundo fantástico da Formiga Zaroia**, de autoria da jornalista Maria da Paz Sabino, lançado em 2009. Vive em uma colônia no Morro dos Ventos, nas terras de Seu Noberto. Apesar do estrabismo, consegue fazer todas as funções que uma saúva exerce e é, inclusive, a chefe de sua colônia, pois está determinada a conquistar uma vida melhor para todos seus amigos (SABINO, 2021b).

De acordo com Brait (2004), há personagens que mostram garra e determinação para resolver conflitos ou os problemas que surgem. Zaroia é uma dessas. Ela é a primeira personagem da história que impulsiona a ação e que representa a força temática. A saúva, chefe de sua colônia, não se conformava em levar uma vida comum, como a triste vida a qual os demais insetos estavam destinados, ela queria mais e junto de seus parceiros iria lutar para conquistar seu espaço.

Ao que se refere a temática da deficiência, só é possível notar a diferença da saúva através de seu nome, Zaroia, e por um pequeno trecho explicativo na história “Zaroia, que ganhou esse nome por conta do estrabismo, era uma saúva que se destacava entre os insetos com os quais convivia” (SABINO, 2021, p. 08). Com isso, é possível notar a sutileza com a qual a autora aborda o tema, fazendo com que as diferenças sejam apenas detalhes.

No entanto, a diferença de Zaroia estava realmente em seu comportamento, pois a saúva tinha um imenso desejo de mudar sua vida e de toda sua colônia “o seu inconformismo transformou-lhe em uma formiga diferente, que traçava metas e objetivos na esperança de conseguir o direito de viver como um ser comum” (SABINO, 2021b, p. 06).

No entanto, é apresentado aos leitores o Seu Noberto, que é o personagem que traz o contraponto da história, que segundo Brait (2004, p. 50) “é aquele que possibilita a existência do conflito, impedindo a força”; neste caso, o deslocamento dos insetos. Seu Noberto é um camponês sofrido, de mãos calejadas, que vive aflito pela atitude dos insetos em devastar sua plantação, porém, para se proteger, monta um plano para destruir o formigueiro. Mas, as saúvas,

descobrem os planos do agricultor, e logo trataram de criar uma estratégia de defesa. Observando esse impasse, já é notória a luta pela sobrevivência de ambas as espécies (MARCHESAN, 2019).

Tibe é apresentado no conto, e rapidamente é possível notar o amor entre ele e Zaroia. Em um primeiro momento, por ser uma formiga angustiada e com vários problemas existenciais, Tibe não se animou e continuou sofrendo com seus problemas interiores, sem se aproximar afetivamente dela. Ela entendia a angústia dele, e ele compreendia que ela não deveria ficar sofrendo, presa e infeliz ao seu lado, por isso, sempre pedia para que ela continuasse a sair com Bico Fino, sua melhor amiga, e que aproveitasse a vida ao máximo. Um tempo depois, mesmo as famílias de Tibe e Zaroia sendo adversárias, o casamento entre os dois aconteceu. Mas, infelizmente, após o casamento, Tibe, juntamente com outras formigas, acabaram morrendo intoxicadas pelo veneno que Seu Noberto havia colocado na entrada do formigueiro. Deste modo, Zaroia se entristece com a partida de seu amado e das demais formigas. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Zaroia, contado com o apoio da amiga Bico Fino, consegue realizar o sonho de construir um cantinho próprio, onde nenhuma das espécies ficam na iminência de riscos (SABINO, 2021b).

4.3 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, de Maria da Paz Sabino

O livro **Juquinha: o menino que ensinava a amar** foi lançado pela primeira vez em 2018. Escrito pela jornalista Maria da Paz Sabino, o livro conta a história de um menino, que é cadeirante, e cativa todos seus coleguinhas com seu imenso amor. Juquinha é um garoto muito alegre e feliz que gosta de ajudar a todos tanto quanto pode (SABINO, 2021a).

A elaboração de livros que abordem as temáticas de crianças com deficiência "demonstraram uma convivência saudável, com descobertas, empatia, respeito e isso, tornou-se um demonstrativo de como essas histórias podem auxiliar na compreensão sobre as deficiências, e como deve ser a convivência e a inclusão delas na sociedade" (WELLICHAN; LINO, 2019, p. 45), na própria história de Juquinha, as crianças de sua escola amam estar em seu entorno e poder aprender com ele sobre as diferenças.

Debater a respeito da inclusão nem sempre é fácil, principalmente, se não houver uma conscientização dessa importância. A forma mais simples de compreender essa necessidade é de maneira lúdica, como nos livros infanto-juvenis que podem beneficiar o trabalho com as atitudes sociais na busca pela inclusão de pessoas com deficiência nas escolas, nas

comunidades, na sociedade em geral, porque embora existam as leis, muito há que ser feito para que o pertencimento dessas pessoas seja maior do que a exclusão (CARBONARI, 2016).

As experiências vividas pelos personagens com deficiências podem representar o leitor com deficiência na vida real e fazer com que outros leitores possam compreender que as diferenças individuais não devem ser razões para a exclusão, ou para ofender e interferir na liberdade particular da pessoa com deficiência, e tratar seus direitos como cidadãos com legitimidade, sendo possível proporcionar a reflexão de uma sociedade, atingindo todos os tipos de leitores de forma lúdica e prazerosa (WELLICHAN; LINO, 2019). Juquinha vem ensinar que é possível incluir pessoas com deficiência no dia a dia escolar, social e em todas as atividades, comuns ou adaptadas.

Mesmo que não haja muitas referências literárias de personagens com deficiência, ainda mais personagens infantis, abordar esses temas, para além da identificação do leitor que tenha uma deficiência, gera aproximação ao leitor que não tem. Ter contato com as diferenças é imprescindível na boa formação do ser humano. A possiblidade de explorar aspectos da realidade social, com as manifestações artísticas, possibilitou dar condições de reflexão sobre temas sociopolíticos, econômicos e culturais perante de um elemento imagético em conteúdos escolares nas mais diversas disciplinas, para facilitar a compreensão de temas mais complexos, por ser considerada uma obra rica em simbologia (REZENDE, 2009).

4.3.1 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, a obra

A história de **Juquinha: o menino que ensinava a amar** teve sua primeira edição em 2018, mas foi tão bem recebida pelo público, que ganhou uma nova edição em 2021. O livro foi escrito por Maria da Paz Sabino, uma jornalista, residente de Sinop, no norte do Mato Grosso. O livro conta a história de um menino alegre e feliz que gosta de fazer amizades com todas as crianças. Sua necessidade especial não o exclui do convívio social e ele tem diversos amigos (SABINO, 2021a).

Apesar da brevidade do livro, podemos perceber a intensidade de sentimentos que ele passa ao leitor ao contar a história de Juquinha, que tem muitos amiguinhos na escola e vive uma vida tão alegre, que sua deficiência se torna apenas um detalhe. O convívio entre crianças com e sem deficiência se mostra cheio de experiência para todos os envolvidos: crianças, professores, escola e famílias. Há melhorias tanto para as crianças com deficiência, quanto para as que não apresentam deficiência. Pois esses pontos positivos estão relacionados ao convívio, que possibilita lidar com as diferenças e aprender com elas (OLIVEIRA DA SILVA, 2018).

Joãozinho e Cidinha são os melhores amigos de Juquinha, eles gostavam de estar juntos e brincar o tempo todo (SABINO, 2021a), mas como todas as histórias, essa também tem um conflito envolvendo o personagem principal. No caso do garoto, o drama aparece quando seus pais, por ocasião do emprego, precisam ser transferidos de cidade, o que reflete no comportamento do menino "durante toda a aula, ele ficou em silêncio, rabiscando em uma folha do seu caderno" (SABINO, 2021a, p. 19), e é em ocasião desta mudança que se dá a lição principal da história: o amor entre crianças que não vêm as diferenças como impeditivo de uma amizade verdadeira.

A mensagem de inclusão nesta obra se faz presente a todo instante, como um ideal de sociedade, onde os preconceitos não existem. Noronha (2006) diz que se existe tanta intolerância diante de insignificantes diferenças, calcula-se que diante de pessoas com deficiência, sejam muito maiores, o sentimento ambivalente se sobressai, simultaneamente, ao olhar expressando os preconceitos, as intolerâncias, os medos, a piedade e o horror.

Analisando certas atitudes que ainda transpõem o processo inclusivo, devemos apontar o quão importante se torna a informação e a desmistificação da deficiência dentro das escolas, sobretudo, entre colegas de alunos incluídos. Isto porque a informação e o incentivo a relações de cordialidade e afetividade entre colegas de aula estimulam a mudança de tais sentimentos e auxiliam no desenvolvimento e na formação de pessoas com mais consciência. Devemos lembrar que é importante oferecer ambos – qualidade e amizade – dentro da estrutura de uma classe de educação regular, sem desviar-se das exigências curriculares ou de estrutura. Contudo, é impossível que haja amizade com colegas sem deficiência se essas crianças são trancadas em salas ou escolas de educação especial (NOAL GAI; NAUJORKS, 2006).

4.3.2 Juquinha, o Menino que Ensinava a Amar, o personagem Juquinha

Juquinha é um menino superespecial que protagoniza o livro **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, de Maria da Paz Sabino, que teve sua primeira publicação em 2018. O garoto possui uma deficiência e é cadeirante, mas nada o impedia de irradiar alegria para todos os coleguinhas que o amavam, nem mesmo as limitações físicas, como se pode perceber ao longo da leitura (SABINO, 2021a).

Apesar de o livro tratar tão bem da inclusão, são poucos os momentos que nos fazem compreender, que Juquinha tem uma deficiência, através da leitura. Suas diferenças são mostradas através da ilustração de Jone Tavares, que imprimiu com grande delicadeza a condição do menino. As evidências textuais aparecem em poucos momentos, como em

“especial, carregava em seu olhar uma alegria contagiante” (SABINO, 2021a, p. 03), ou então, “Juquinha nasceu com uma limitação que o dificultava em fazer algumas coisas” (SABINO, 2021a, p. 04). E por fim, há uma última citação que demonstra sua condição “Juquinha enfrentava algumas dificuldades no seu dia a dia [...]” (SABINO, 2021a, p. 11). Para além desses trechos, o leitor consegue perceber a deficiência de Juquinha apenas visualmente.

De acordo com Noal Gai e Naujorks (2006, p. 414) “a inclusão tornou-se alvo de discussões e inquietações de educadores que procuram soluções às dificuldades e avaliam a contribuição da inclusão, tanto para os alunos sem deficiência, quanto para os que apresentam uma deficiência” e isso fica claro na história, pois a professora não apresenta distinções entre os alunos. Inclusive, Juquinha é querido por todos os seus coleguinhas que o admiram e incluem ele em suas brincadeiras “[...] isso não o impedia de conviver e brincar naturalmente em casa, na escola e no bairro onde morava” (SABINO, 2021a, p. 11).

A inclusão pode beneficiar não só o incluído, mas todos que com ele tiverem interações. Além de uma escola inclusiva necessitamos de um mundo inclusivo. Um mundo no qual todos devem ter acesso às oportunidades de ser e estar na sociedade de forma atuante, onde a relação entre o acesso às oportunidades e os atributos individuais não sejam marcados por interesses econômicos, ou pela caridade pública (SASSAKI, 1997).

A docilidade de Juquinha ensina a ver as diferenças com amor, pois foi justamente esse fator que conquistou todos seus coleguinhas “[...] as crianças seguiam a cantoria em um afinado coro dizendo: obrigada, Juquinha, por nos ensinar a amar” (SABINO, 2021a, p. 27) e é essa empatia que devemos transmitir a todas as crianças. Segundo Freitas (1995), Vygotsky descreve a escola como sendo o lugar adequado da psicologia, porque nela é que acontecem sistematicamente e intencionalmente as construções e a origem das funções psicológicas superiores. Tais funções são a consequência da influência cultural no aprendizado e no desenvolvimento e só podem ser esclarecidas através de sua história.

5 ANÁLISE DO DISCURSO INCLUSÃO/EXCLUSÃO

5.1 A inclusão/exclusão na Sociedade

Para compreendermos a construção da inclusão e da exclusão social nas obras e analisarmos como se dá essa ação, é necessário, em primeiro momento, aprender seus conceitos, e depois, entendermos como as condições de produção e a posição sujeito funcionam nos livros.

De acordo com o Dicionário Dicio (INCLUSÃO[4], 2021), a palavra **inclusão** pode ter alguns significados. Estes são os principais: "Integração absoluta de pessoas que possuem necessidades especiais ou específicas numa sociedade", "introdução de algo em; ação de acrescentar, de adicionar algo no interior de; inserção", ou então, "condição do que foi incluído". Em contrapartida, os significados de **exclusão** observados no mesmo Dicionário podem ser: "Ação ou efeito de excluir, de segregar, de deixar de fora", "em que há afastamento; segregação" e, até mesmo, "não inclusão de algo ou de alguém em; omissão" (EXCLUSÃO[5], 2021).

Compreendendo o sentido dicionarizado dessas expressões, é possível analisar as obras dentro das definições. No entanto, para além disso, a análise é baseada nos fundamentos da Análise de Discurso, buscando entender quais as condições de produção e as posições sujeito que possibilitam a ação de incluir ou de excluir, nas histórias.

De acordo com Pêcheux (2014a, p. 78, grifo no original), teórico da Análise de Discurso, "[...] *é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido de condições de produção". Mas esse termo é melhor exemplificado por Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989, p. 24), onde dizem que as condições de produção se definem sobre "quem fala, para que fala, para quem se fala, o que se fala, em que situação, de que lugar da sociedade etc. são considerados elementos fundamentais do processo de interlocução que estabelece a linguagem".

Em **O corcunda de Notre-Dame**, as condições de produção, da exclusão social vivida por Quasímodo, dão-se no destrato com que Claude Frollo, e a população de modo geral, têm com ele. Sua aparência se torna motivo de rechaço, piadas e ataques (HUGO, 2018). Enquanto

[4] INCLUSÃO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: https://www.dicio.com.br/trabalho/. Acesso em: 13 nov. 2021.
[5] EXCLUSÃO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: https://www.dicio.com.br/trabalho/. Acesso em: 13 nov. 2021.

o oposto disso ocorre nas obras **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** e **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, que promovem a inclusão social. Com a Formiga Zaroia, notamos a inclusão social em sua liderança com as demais saúvas e na validação de sua opinião ao longo da história (SABINO, 2021b). Já a inclusão de Juquinha é percebida desde o título 'o menino que ensinava a amar' e em outros momentos, como sua despedida da escola (SABINO, 2021a).

É importante conceituar, de acordo com a Análise de Discurso, também, a posição-sujeito, para que se possa perceber como esse posicionamento se dá nas histórias. Percebemos "[...] o assujeitamento como parte do processo de constituição do sujeito, o seu modo de individuação pelo Estado, e os processos identitários de que resultam as práticas discursivas das posições-sujeito na formação social" (ORLANDI, 2019, p. 36). Já, de acordo com Maingueneau (2015, p. 27), "o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referência pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário [...]".

Então, ao juntarmos os dois conceitos, compreendemos que Quasímodo é um sujeito apagado na obra, pois ele não tem poder de criar suas próprias referências pessoais, temporais e espaciais, apenas seguia as ordens de Frollo, que o criou como filho (HUGO, 2018). Ao passo que Formiga Zaroia e Juquinha ocupam uma posição de sujeito em suas histórias, ambos têm uma identidade e um controle sobre suas falas e ações (SABINO, 2021a, 2021b).

Mas a exclusão social levou séculos para se transformar em algo o mais semelhante com as obras de Sabino (2021a, 2021b), ainda faltando muito para que realmente haja uma inclusão social plena. É o conhecimento que torna possível a compreensão da inviabilidade da exclusão, da percepção de que é necessário incluir as diferenças para que todos possam viver em sociedade harmonicamente. Porém, esse tipo de conhecimento ainda é dominado por uma pequena parcela da população, pois já está enraizado há muitos séculos o preconceito, de toda ordem (LEONTIEV, 2004).

Todavia, a esperança está justamente no poder humanizador da literatura. Foi através de livros que as pessoas aprenderam a respeito de tudo que se tem conhecimento e histórias como essa modulam o imaginário da população e os transformam de modo humano. E quando se há mudanças como essas, que atingem a parte humana de uma pessoa, o conhecimento está instalado e será repassado e reafirmado inúmeras vezes. Assim, com um pouco mais de esforço e muitas novas histórias com a temática, poderemos caminhar para um futuro mais inclusivo (DE GOUVEIA, 2020).

5.2 A exclusão pela deficiência em Quasímodo

Ao analisarmos a obra **O corcunda de Notre-Dame**, devemos notar que, apesar de ter sido publicada no século XIX, e se passar no século XV, sua temática do preconceito, pelos que não se encaixavam nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade, ainda é muito atual (DIAS, 2016). Para ilustrar a aparência de Quasímodo, segue uma fotografia[6] da caracterização do ator Charles Laughton, que interpretou o corcunda na versão cinematográfica de 1939, bem como, uma ilustração feita por Daniel R. Horne:

Imagem 1 - Charles Laughton como Quasímodo, 1939.



Fonte: Blog dos Maníacos por Filme, 2012[7].

Imagem 2 - Quasímodo.



Fonte: Daniel R. Horne[8].

Pelas imagens, podemos perceber que, como disseram Fernandes, Schlesener e Mosquera (2011), houve séculos em que pessoas com deficiência eram vistas como inválidas por consequência de suas deficiências, mesmo que este fato não as impedisse que realizar atividades cotidianas como as pessoas sem deficiência. Tal fato é demonstrado pelo contexto sócio-histórico e ideológico e pelas condições de produção em que a narrativa se cria. Como o próprio Frollo, que apesar de ter abrigado Quasímodo, não nutria bons sentimentos sobre ele, decidiu o manter escondido, como o sineiro da catedral, para que ninguém o pudesse ver. Mas enquanto o padre fazia mal seu papel de pai, Nossa Senhora de Paris, a mãe da igreja, o acolheu e deu a Quasímodo um papel importante (HUGO, 2018).

---

[6] Elegido fotografia para ilustrar o personagem, pois as capas do livro, em editoras consagradas, priorizam a imagem da catedral, não tendo nitidez na forma do personagem.

[7] Blog dos Maníacos por Filme. 2012. Disponível em: https://maniacosporfilme.wordpress.com/2011/10/22/o-corcunda-de-notre-dame-1939-um-classico-de-partir-o-coracao/. Acesso em: 20 out. 2021.

[8] Imagem de Quasímodo. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/310889180498260844/. Acesso em: 20 out. 20211. E também disponível em: https://pin.it/13AXS5X. Acesso em: 20 out. 2021.

Apesar de fisicamente Quasímodo viver recluso, sua posição de sineiro o torna especial, o corcunda, ao dobrar o sino da Catedral, fazia-se ouvir, sua função tinha uma comunicação necessária. As horas e os momentos importantes eram anunciados pelo sineiro, que exercia sua função de modo exemplar (VALADARES, 2015).

Podemos notar, também, que Quasímodo é silenciado enquanto deficiente, pois não pode exercer suas vontades com autonomia. Quasímodo ganha uma voz gritante somente quando dobra seu sino e, assim, dava-se seu discurso. Orlandi (2015, p. 20), ao parafrasear Pêcheux (2014a), diz que "o discurso é efeito de sentido entre locutores", mas o corcunda não tem grande poder de locução, senão pelo dobrar do sino.

No entanto, Quasímodo passou tantos anos sendo chamado por absurdos, que se crê indigno de compaixão e isso é notório em uma de suas falas: "Devo lhe causar o efeito de um bicho, não? [...] Eu sou uma coisa hedionda, nem homem nem animal, um não sei o quê mais duro, mais pisado e mais disforme do que uma pedra!" (HUGO, 2018, p. 453). No romance, a forma monstruosa de Quasímodo pode causar terror, medo, ou também fascínio e encanto (DA SILVA, 2009).

Todavia, essa visão distorcida que ele tem de si, não é o mesmo sentimento que todos têm. Esmeralda, por exemplo, após ser salva por ele, sente-se enternecida pelo homem "Esse ser bizarro, por mais infeliz que fosse a boêmia, ainda despertava alguma compaixão nela. Ela lhe fez sinal para ficar" (HUGO, 2018, p. 454). A cigana é a única personagem da história que demonstra grande afeto pelo sineiro.

Mas em meio a pouca bondade, a maldade dos demais personagens prevalecia, sobretudo, a de Frollo. Para exemplificar parte disso, temos algumas citações, como "De fato, um grito de terror se elevou. O formidável Quasímodo pulara da padiola, e as mulheres desviavam os olhos para não vê-lo dilacerar o arquidiácono. Ele deu um salto até o padre, fitou-o e caiu de joelhos", e segue "O padre lhe arrancou a tiara, quebrou o báculo, lacerou sua capa de falsos adornos. Quasímodo ficou de joelhos, baixou a cabeça e juntou as mãos [...] o padre, de pé, irritado, ameaçador, imperioso; Quasímodo, prosternado, humilde, suplicante". Em tais trechos é possível notar que Frollo não tinha bons desejos para com o corcunda, mas é possível perceber quão sublime era o coração do sineiro, pois "[...] não havia dúvida de que Quasímodo poderia ter esmagado o padre com o polegar" (HUGO, 2018, p. 108-109).

Os trechos citados deixam o leitor comovido com tamanha bondade. De acordo com De Campos Weimer e Lima (2015), Quasímodo demonstrava uma compaixão sublime que não condizia com o enojo que as pessoas tinham por ele através de sua aparência, mas poucos se aproximaram o suficiente dele para perceber a doçura que habitava aquele corpo grotesco.

Conforme explicado, a Análise de Discurso se utiliza de elementos do próprio discurso para sua análise, não sendo necessárias informações extratextuais, apenas o embasamento. E tal afirmação é constatada pelas citações feitas acima. As condições em que Quasímodo vive produzem subsídios suficientes para percebermos que ele sofre uma exclusão social por quase todos que possam o ver, exceto por Esmeralda. No entanto, a própria cigana tem seus receios para com o corcunda, não podendo caracterizar uma real inclusão (HUGO, 2018).

A obra retrata muito bem a importância que a França, com seus costumes e seu modo de pensar, teve para a formação e evolução de toda a cultura ocidental. Foi a partir das transformações parisienses que o mundo incorporou algumas atitudes sociais, mesmo as que geraram consequências ruins, como tal preconceito (DIAS, 2016).

5.3 A inclusão em Formiga Zaroia e Juquinha

A inclusão social observada nas obras **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** e **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, assim como já dito, é perceptível inicialmente por não fazer grandes menções às deficiências dos personagens. As diferenças físicas estão, principalmente, nas imagens. As ilustrações de **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** foram feitas pelo artista Hudson Freire Milcharek (SABINO, 2021b) enquanto as de **Juquinha: o menino que ensinava a amar** ficaram por conta do ilustrador Jone Tavares (SABINO, 2021a).

Imagem 3 - Formiga Zaroia na mata.



Fonte: Sabino/Hudson Freire Milcharek, 2021b.

Imagem 4 - Formiga Zaroia na rede.



Fonte: Sabino/Hudson Freire Milcharek, 2021b.

Imagem 05 - Juquinha com os animais.



Fonte: Sabino/Jone Tavares, 2021a.

Imagem 06 - Juquinha com família e amigos.



Fonte: Sabino/Jone Tavares, 2021a.

É possível perceber, pelas imagens, que os personagens estão tranquilos e felizes. De acordo com Mazzotta e D'antino (2011), a inclusão social é compreendida como a participação ativa da pessoa com deficiência nos mais variados grupos de convivência social. E é justamente esse convívio que traduz nas obras o tom inclusivo que elas têm. Quando se trata de inclusão, devemos analisá-la por três pontos: cultura, educação e lazer. Sendo a cultura, o principal fator social de inclusão. Historicamente, as pessoas que têm diferenças muito acentuadas em relação à maioria das pessoas são alvo dos mais diversos preconceitos.

O conceito de exclusão social teve sua ascensão nos anos 1980, devido às demandas sociais, econômicas, políticas e culturais, mas em virtude dessas mesmas demandas, houve uma necessidade de se abordar acerca da inclusão social na virada do século XX para o XXI. Com a chegada do novo milênio, fez-se emergente a discussão da inclusão social enquanto resposta e não alternativa para a exclusão (GUERRA, 2012).

Em meio a este cenário, teve-se início às obras literárias que falam de inclusão, principalmente, o universo infanto-juvenil (NORONHA, 2006). As obras de **Formiga Zaroia** e **Juquinha** possuem condições de produção semelhantes. Zaroia lidera o formigueiro em que vive com suas amigas saúvas (SABINO, 2021b), enquanto Juquinha é um menino querido por seus amigos e por sua professora (SABINO, 2021a). Ambas as condições de produção têm os personagens em posições de respeito, sendo vistos com igualdade.

Quando se trata de inclusão, as histórias mostram sujeitos que têm sua fala validada, são vistos como bons exemplos. Podemos notar isso na trajetória de Zaroia, que mudou o rumo da vida das saúvas, trazendo paz e conforto “[...] Zaroia e Bico Fino criaram o paraíso, um lugar ideal para viver, cantar e ser feliz” (SABINO, 2021b, p. 60). Em Juquinha, a inclusão é marcada pelo amor que os amiguinhos sentiam por ele “as crianças viviam sempre ao seu redor querendo

aprender com Juquinha os segredos da felicidade e da alegria em viver" (SABINO, 2021a, p. 9).

Nestas obras, há o efeito de sentido, entre locutores, causado pelo discurso da inclusão (ORLANDI, 2015), pois tanto Zaroia quanto Juquinha, são compreendidos por seus amigos. É o que Maingueneau (2015) explica, quando diz que o discurso só é discurso se tiver um sujeito relacionado, que se faz compreender e que é, ao mesmo tempo, uma fonte de referência.

Enquanto Quasímodo é um personagem, cujo poder referencial se dá com o dobrar do sino (HUGO, 2018), Zaroia e Juquinha são personagens que, ao longo de suas narrativas, transformam as pessoas de seu convívio e criam uma relação de amizade forte (SABINO, 2021b, 2021a).

Existem marcas discursivas de defesa com sentido de empatia presentes nas três obras. Em **O corcunda de Notre-Dame**, Quasímodo, por exemplo, o momento em que o sineiro salva Esmeralda, defendendo-a da morte. "Ele segurava a jovem toda palpitante, suspensa em suas mãos calejadas, como uma roupagem branca; mas a carregava com tanta precaução que parecia temer quebrá-la ou fazê-la perder seu viço e sua beleza [...]" (HUGO, 2018, p. 231-232).

Também, podemos ver essa marca em **O mundo fantástico de Formiga Zaroia**, em que a personagem Zaroia "[...] decidiu que desceria da árvore para defender as amigas do Morro dos Ventos" (SABINO, 2021b, p. 26). Já na obra **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, para o menino, essa marca é vista na defesa de seu pertencimento à escola e aos amigos, quando precisa se mudar de cidade. "Um dia, os seus pais foram comunicados que seriam transferidos do emprego onde trabalhavam. Ele chegou à escola muito triste, pois teria que deixar os seus queridos amigos" (SABINO, 2021a, p. 17).

O ato de defender aquilo que se ama e fazer o melhor para o bem de todos é uma característica que independe de suas deficiências. Os personagens defendem pelo sentimento de amor existente neles. Tal condição, também pode ser encontrada em pessoas sem deficiência, não é uma marca discursiva que se relaciona à suas limitações físicas.

Nas condições de produção dos discursos, as marcas de inclusão/exclusão relacionadas aos personagens e às situações pelas quais eles passam indicam que no século XV e sequentes o que se sobressaia era a exclusão. Assim, podemos observar que Quasímodo é a retratação dos modos de exclusão que se perpetuaram na história. As palavras: coxo, caolho, corcunda proferidas pelo povo na praça contra Quasímodo, marcam esta situação.

No entanto, nas obras de Maria da Paz Sabino, o que vemos é a expressão da inclusão, posto que a autora, ao dar voz aos personagens Juquinha e Zaroia, e ao não se referir às

deficiências deles como impedimento para a realização de atividades cotidianas, deixa claro que a inclusão é uma marca que promove uma ruptura com os discursos preconceituosos.

Reafirmando as citações de De Gouveia (2020), essa possibilidade existe graças ao poder humanizador da literatura. A literatura, além de modular o repertório da população, consegue incrementar seu repertório trazendo substância aos leitores. Ao ver exemplo de inclusão em livros, temos a vontade de repetir tais ações. Ao passo que ao ver sua antítese, cria-se o senso de justiça e a intenção de modificar os fatos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as histórias de **O corcunda de Notre-Dame**, de **O mundo fantástico da Formiga Zaroia** e de **Juquinha: o menino que ensinava a amar**, podemos perceber que a Análise de Discurso como método de estudo foi importante para identificar as condições de produção e posição sujeito que viabilizam a exclusão/inclusão nas obras. Também, fez-se necessário entender como as pessoas com deficiência são vistas no mundo, mas, principalmente, no Brasil. E, então, buscar meios para compreender como essa inclusão ou exclusão ocorre nos livros.

A Análise de Discurso nos mostra em seu percurso, desde seu surgimento na França, em 1969, até os dias atuais, que não é possível analisar algo sem compreender o contexto na qual está inserido; as condições em que é produzido, bem como, qual posição o sujeito exerce dentro do discurso a ser avaliado.

Por tal motivo, fez-se necessário compreender o caminho que possibilitou que grande parte da exclusão social vivida pelo mundo, fosse transformada em inclusão. Ainda se tem muito para mudar. As obras de Zaroia e Juquinha são a elaboração de uma sociedade próxima do ideal, no entanto, ainda não é a realidade percebida no mundo real. Os livros são exemplos a serem seguidos para se trilhar o caminho da inclusão.

Todavia, para que se pudesse analisar as histórias, fez-se necessário conhecê-las, iniciando por seus criadores: Victor Hugo e Maria da Paz Sabino. A vida dos autores brinda-nos com as mais variadas inspirações de lutas e conquistas, tornando o contexto por trás das obras ainda mais interessante. Quasímodo é o retrato da indignação de Hugo perante uma sociedade em pleno rompimento de valores, onde a desigualdade reinava. Já Zaroia e Juquinha representam uma sociedade idealizada por Sabino como um lugar em que é possível conviver em harmonia com as diferenças.

A análise faz um apanhado de citações que reafirmam as posições de exclusão e inclusão vivida pelos personagens. O embasamento mostra que as condições de Quasímodo eram de extrema exclusão, enquanto a líder do formigueiro e o menino que ensinava a amar foram incluídos a todo momento.

Compreende-se deste modo, que a exclusão e a inclusão social são temas para estudo em inúmeras faces, por isso o recorte feito mediante a metodologia da Análise de Discurso permitiu verificar quais as práticas discursivas que conferiam a exclusão/inclusão social nos livros.

REFERÊNCIAS

BALIZA, Giovana de Sousa. **O belo e o grotesco**: diálogo entre o sagrado e o profano em O Corcunda de Notre-Dame de Victor Hugo. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. **Decreto Legislativo n. 186, de 09 de julho de 2008**. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 02 nov. 2021.

BRASIL. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/827/1/historia_movimento_pcd_brasil.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

BROCA, Brito. Victor Hugo e os Românticos. *In*: BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979. p. 305-308.

CALLIPO, Daniela Mantarro. Victor Hugo: sobretudo, poeta. **Lettres Francaises**, v. 1 n. 12 p. 11-28, 2011. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/5018/4160. Acesso em: 19 nov. 2021.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Legislating disability: negative ontologies and the government of legal identities. *In*: TREMAIN, Shelley (ed.). **Foucault and the government of disability**. Michigan, University of Michigan Press, 2005. p. 170-204. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.3998/mpub.8265343. Acesso em: 12 jun. 2021.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARBONARI, Pâmela. Um dia na vida de… uma pessoa com deficiência física. Ofensivas que elas passam no dia a dia delas e desenhamos para você. **Super Interessante**, Comportamento, publicado em: 28 set. 2016. Disponível em: https://super.abril.com.br/comportamento/um-dia-na-vida-de-uma-pessoa-com-deficiencia-fisica/. Acesso em: 28 out. 2021.

CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda de; MARQUES, Antônio Luiz. Pessoas com deficiência e trabalho: percepção de gerentes e pós-graduandos em Administração. **P@psic** [online], v. 29, n. 2, p. 244-257, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v29n2/v29n2a04.pdf. Acesso em: 02 jul. 2021.

CONWAY, David. Victor Hugo. **Find a Grave**, 2020. Disponível em: https://pt.findagrave.com/memorial/1407/victor-hugo. Acesso em: 21 out. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean Marie. Que objeto para a Análise de Discurso? *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Unicamp, 2016. p. 33-54.

CULTURA. Dicionário Etimológico. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/. Acesso em: 20 jul. 2021.

DA SILVA, Florita Dias. As faces da monstruosidade e da violência no romance de Victor Hugo e na adaptação fílmica de William Dieterle. **DARANDINA** revisteletrônica, v.2, n. 3. 2009. Disponível em: https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo181.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

DE CAMPOS WEIMER, Yule; DE LIMA, Diego Baraldi. Sagrado, profano, grotesco, sublime: relações entre o livro "Notre-Dame de Paris" e a Adaptação Cinematográfica "O Corcunda de Notre-Dame". **Intercom**, p. 1-15, 2015. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0412-1.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

DE GOUVEIA, Aguinaldo Henrique Garcia. A enquanto fonte histórica. O exercício de reencantamento do mundo na crítica romântica de Victor Hugo em os trabalhadores do mar (1866). **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 30-52, 2020. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/68548/41662. Acesso em: 23 out. 2021.

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social. **Anais**. II Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência. São Paulo, junho, 2013.

DIAS, Rodrigo Torres. O Corcunda de Notre-Dame e A Escrava Isaura: um diálogo entre Victor Hugo e Bernardo Guimarães. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 6, n. 7, p. 63-73, jan./jun. 2016. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23408. Acesso em: 20 maio 2021.

EXCLUSÃO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: https://www.dicio.com.br/trabalho/. Acesso em: 13 nov. 2021.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **InCantare**, Curitiba, Paraná, n. 2, p. 132-144, 2011. Disponível em: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/181. Acesso em: 20 jun. 2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Letras**, n. 27, p. 39-46, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318. Acesso em: 22 out. 2021.

FIGUEIRA, Emilio. **Caminhando em silêncio**: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin** - psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1995.

FREYTAG, Rosane Salete. O fantástico mundo das relações sociais de Zaroia. *In*: DIAS, Marieta Prata de Lima; ROQUE-FARIA, Helenice Joviano (org.). **Cultura e identidade**: Discursos II. São Paulo: Ensino Profissional, 2009.

FREYTAG, Rosane Salete. O tabu da maternidade em A menina que queria nascer de novo. **Revista Ecos**, Sinop, v. 10, n. 1, 2011. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/107_Pag_Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

GADET, Françoise; LEON, Jacqueline; MALDIDIER, Denise; PLON, Michel. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Tradução de Lourenço Filho e Manoel Gonçalves. Campinas, SP: Unicamp, 2014. p. 39-58.

GASPAR, Luís. Victor Hugo biografia. **Truca**, 1997. Disponível em: http://www.truca.pt/ouro/biografias1/victor_hugo.html. Acesso em: 20 out. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. *In*: NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 19-34.

GUERRA, Paula. Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. **Revista Angolana de Sociologia**, Portugal, n. 10, p. 91-110, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.4000/ras.257. Acesso em: 21 maio 2021.

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1990.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani. Campinas: Unicamp, 1997. p. 13-38.

HORTA, Anderson Braga; VIANNA, Fernando Mendes; RIVERA, José Jeronymo. **Victor Hugo**: dois séculos de poesia. Thesaurus, 2002.

HUGO, Victor. **O corcunda de Notre-Dame**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INCLUSÃO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: https://www.dicio.com.br/trabalho/. Acesso em: 13 nov. 2021.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. Fundamentos da linguística. 2010. **Portal virtual da Universidade Federal da Paraíba**. Disponível em: https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/LEITE_2010.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **A construção discursiva do povo brasileiro**: os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de discurso a questão dos fundamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 65-74, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARCHESAN, Marciele. A representação da personagem feminina em O fantástico mundo da Formiga Zaroia, de Maria da Paz Sabino. *In*: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; DELLA JUSTINA, Olandina (org.). Docência, linguística e literatura: enfrentamentos e perspectivas. **CONAELL**, Sinop: Unemat, 2019. p. 84-93.

MAZZOLA, Renan Belmonte. Análise do discurso: um campo de reformulações. *In*: MILANEZ, Milton; SANTOS, Janaina de Jesus (org.). **Análise do discurso**: sujeitos, lugares e olhares. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 7-16.

MAZZOLA, Renan Belmonte. Jean-Jacques Courtine: o percurso de um agrimensor. *In*: MAZZOLA, Renan Belmonte. **O cânone visual**: as belas-artes em discurso. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, p. 97-116, 2015. Disponível em: http://books.scielo.org/id/bywgd/pdf/mazzola-9788579836718-05.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 377-389, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200010. Acesso em: 20 jul. 2021.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. O Corcunda de Notre-Dame: grotesco, sublime e deficiência na idade média. **HISTEDBR On-Line**, v. 9, n. 34, p. 199-210, 2009. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639588/7157. Acesso em: 23 out. 2021.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NASCIMENTO, Leandro José do. **(Re)ler o impresso Jornal Hoje**: o discurso da construção de uma terra de progresso e oportunidade em Sinop - Mato Grosso. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2018. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1655CYygWmkVlDO424X6PeyBHVryo5jMO/view. Acesso em: 23 out. 2021.

NOAL GAI, Daniele; NAUJORKS, Maria Inês. Inclusão: contribuições da teoria sócio-interacionista à inclusão escolar de pessoas com deficiência Educação. **Revista do Centro de Educação**, v. 31, n. 2, 2006, p. 413-428. Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117117232016. Acesso em: 22 out. 2021.

NORONHA, Lucelia Fagundes Fernandes. **A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão**. Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2006. Disponível em: http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2676. Acesso em: 28 out. 2021.

OLIVEIRA DA SILVA, Marcelo. A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, 2018, p. 107-118. Universidade Federal de Santa Maria Brasil. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24604/pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos direitos das pessoas deficientes**. 1975. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec_def.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Ciência da linguagem e política**: anotações ao pé das letras. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2019.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. *In*: CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos; SILVA, Telma Domingues da (org.). **Sujeito. Sociedade. Sentidos**. Campinas, SP: RG, 2012. p. 11-28.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista**. Discurso de confronto: velho e novo mundo. 2 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes:** discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 42, p. 21-40, 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139/4861. Acesso em: 23 out. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital. Série e-urbano, Campinas, SP, v. 2, 2013. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

PAIVA, Juliana Cavalcante Marinho; BENDASSOLLI, Pedro F. Políticas sociais de inclusão social para pessoas com deficiência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 418-429, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v23n1/v23n1a25.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Tradução de Carolina Rodríguez-Alcalá. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 203-226.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Tradução de Jonas Romualdo. Campinas, SP: Unicamp, 2014b. p. 307-315.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um objeto inanimado? [1978]. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Tradução de Suzy Lagazzi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. 251-273.

QUASÍMODO. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Quasimodo. Acesso em: 20 nov. 2021.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e formação de leitores**: vivências teórico-práticas. Londrina: Eduel, 2009.

ROBIN, Régine. **História e linguística**. Tradução de Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977.

SABINO, Maria da Paz Cavalcante. **Juquinha**: o menino que ensinava a amar. 2. ed. Sinop: Oiticica, 2021a.

SABINO, Maria da Paz Cavalcante. **O Câncer salvou minha vida**. 2019. Disponível em: https://www.culturaria.com.br/literatura/o-cancer-salvou-minha-vida-23. Acesso em: 30 out. 2021.

SABINO, Maria da Paz Cavalcante. **O mundo fantástico da Formiga Zaroia**. 3. ed. Sinop, MT: Oiticica, 2021b.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Antonio Lucieudo Lourenço; MIRANDA, Luciana Lobo; GERMANO, Idilva Maria Pires. Da fisiologia à biopolítica: discursos sobre a deficiência física na legislação brasileira. **Revista Polis e Psique**, v. 1, n. 1, p. 149-168, 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/23653. Acesso em: 11 jun. 2021.

SILVA, João Batista Correia; LIMA, Tânia Sousa; GÓMEZ, Daniela Vaz Ferreira; VIEIRA, Paulo Roberto; SANTANA, José Paranaguá de; FREITAS, Roberta Campos de. A questão social das pessoas com deficiência no Brasil. **1º Encontro científico de pesquisas aplicadas às políticas públicas em saúde**. Brasília. Fiocruz, 2015. Disponível em: http://conferencias.brasilia.fiocruz.br/index.php/pesquisasus/Pesquisasus/paper/view/225. Acesso em: 21 jun. 2021.

SILVA, Otto Marques. **A epopeia ignorada**: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.

SOUZA, Fernanda Cristina; LEITE, César Donizetti Pereira. O "Papa dos loucos" uma leitura sobre a diferença a partir da obra "O corcunda de Notre-Dame" de Victor Hugo. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 27-35, 2008. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24041/17010. Acesso em: 23 out. 2021.

VALADARES, Verônica. Da catedral ao campanário: como Quasímodo ganhou o lugar de protagonista na adaptação da Disney de Notre-Dame de Paris. **Anais do VIII Seminário de Pesquisa e I Encontro Internacional Uniandrade**, Brasília, 2015. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/62242785/Da_Catedral_ao_Campanario_-_Veronica_Valadares_artigo20200301-105565-1rrrr1s-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1637381132&Signature=OCCmhkWyPB0GYiLvh57MjHki1rqYLb5zt3Z6sjfuCMsJ8CR8eTwpbwUEaauKPDmPznIrNKbmpapkSC7jEUcfI30uNVPCHHdLwtulZHJ0l~lot8Omu3xw2t0Cp3BZeoNtGprIiRS~p1572bYLda7BvV~QrPXILIZf0Qh70Omq0-VC~Fo4wnjk0BGNSlphW2z6E8s81jG-Z0ROnKvm35fFrloiVpcYphJutoP084AooLVK3woCDryYyReT0FGNsj-zf-VowFOCIcTlsCMSXhf820mCE8w7Xtb54CIhDuHTfPMfam~fLbrlqCXpOHZ-I4FAD27jZUUcbfOVzVvaB6f-4A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 26 out. 2021.

VOLOBUEF, Karin. Victor Hugo e o grotesco em Notre-Dame de Paris. **Lettres Françaises**, v. 5, p. 25-34, 2003. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/738/604. Acesso em: 25 mar. 2021.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro; LINO, Carla Cristine Tescaro Santos. A inclusão que está nos quadrinhos: como os personagens podem divertir e ensinar sobre as pessoas com deficiência. **Doxa**: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v. 21, n. 1, p. 44-61. Araraquara, 2019. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12693/8644. Acesso em: 12 maio 2021.